

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 9

Setembro de 1916

Ano LXVIII

Director, proprietario e editor — Empreza da *Revista Militar*
Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

BATALHA DE VERDUN ¹

(Segundo a versão francesa)

De 23 a 29 de Março

Em torno de Verdun

Pela primeira vez desde 21 de Fevereiro, toda uma semana—de 22 a 28 de Março—decorreu sem se travarem combates de infantaria em torno de Verdun. Chegou a julgar-se a batalha como que terminada.

Em 28, porém, a luta recomeçou na região de Malancourt-Avocourt, sem resultado apreciavel para os alemães e com alguma vantagem para os franceses no dia seguinte, 29.

A continuação dos combates da infantaria era afinal de prevêr, porquanto o bombardeamento quasi constante das linhas francesas e o canhoneio mesmo que os defensores dirigiam sobre os bosques que constituem a chamada floresta de Apremont e mais além sobre a região limitrofe dos departamentos do Mosa e das Ardenes, desde o desfiladeiro de Grandpré, na floresta do Argonne, até os arredores de Montfaucon, como que os anunciavam. Na direcção dessa região foi assinalada a existencia de numerosas tropas alemãs, preparando-se sem duvida para reforçar as forças que bivacavam no meio dos bosques para se dirigirem ao ataque das linhas francesas de Malancourt a Esnes.

¹ Continuado de pag. 435.

Os franceses aguardavam pois um ataque neste sector e calculavam que êle se realizaria sobre uma extensa frente.

No dia 28 de março esse ataque pronunciou-se: os alemães iniciaram de manhã um canhoneio intenso sobre toda a linha desde Béthincourt a Avocourt, isto é sobre uma extensão de duas leguas, e o assalto que assim se preparava não tardou em se efectuar.

Ao contrario dos combates precedentes que, em geral, só eram realizados ao cair da tarde, depois de prolongado bombardeamento, nesse dia as colunas da infantaria alemã começaram a desembocar dos bosques que as ocultavam desde as 3 horas da tarde, e, ao contrario tambem do que os franceses esperavam, o assalto limitou-se a uma pequena frente, não tendo por objectivo senão as duas povoações, tão proximas, de Malancourt e Haucourt, as quais ocupam apenas a extensão de um quilometro. A artilharia e as metralhadoras francesas romperam logo um fogo violento, ceifando despiadadamente os atacantes. Á primeira linha alemã quasi desfeita, seguiram-se outras que se arremessaram com igual ardor, tendo todas a mesma sorte. Tão pesadas perdas experimentou o atacante que, ao cair da tarde, o combate cessou e não foi renovado durante a noite.

No dia 29 a artilharia francesa abriu fogo por sua vez sobre o bosque de Avocourt, que os defensores tinham tido de abandonar na semana precedente e estava desde então em poder dos alemães, preparando um ataque ao angulo SE. Depois de algumas horas de canhoneio, a infantaria francesa lançou-se ao assalto, conseguiu apoderar-se das trincheiras inimigas, numa profundidade de mais de 300 metros, e atingiu um entrenchamento denominado — reducto de Avocourt, o qual fora poderosamente reforçado pelos alemães, logrando conquistá-lo.

Debalde estes ultimos diligenciaram recuperar o terreno perdido; uma brigada recentemente chegada á frente ocidental e que ainda não fôra empenhada em combate — dizem os franceses — lançou-se denodadamente num retorno ofensivo, mas experimentou perdas tais que, anulado o seu impeto, foi repelida para O.

Entretanto ainda os alemães atacavam novamente e com grandes efectivos a aldeia de Malancourt, conseguindo apoderar-se de uma obra avançada, a N. da povoação, e estabelecer-se em algumas casas desta.

Entre o Mosa e a planície de Woëvre

Entre o Mosa e a planície de Woëvre não houve também durante este período senão bombardeamentos intermitentes, mais violentos sempre sobre o sector Douaumont—Vaux—Damloup.

Os alemães alongaram quanto possível o tiro da artilharia para atingirem as fortificações da segunda linha francesa, isto é a série de fortes situados a N. da linha ferrea de Verdun para Metz.

Os comunicados alemães deste período aludem também á destruição da cidade de Verdun por meio de granadas incendiarias, «vingança», escrevem os franceses, *á qual Reims, Soissons e Arras nos habituaram*.

As baterias francesas, estabelecidas desde a altura do Poivre até Douaumont e Vaux, responderam vigorosamente ao fogo inimigo.

No Woëvre a artilharia alemã novamente varejou as Alturas do Mosa, desde Moulainville até Eparges e ainda Châtilion-sous-les-Côtes, entre Moulainville e Haudiomont. Por seu lado os franceses, tendo conhecimento de importantes movimentos e transportes de tropas inimigas pelas linhas ferreas, deram como objectivo ás suas baterias a estação de Vigneulles-les-Hattonchâtel e seus arredores, locais já muitas vezes bombardeados não só pela artilharia de longo alcance como pelos aviadores.

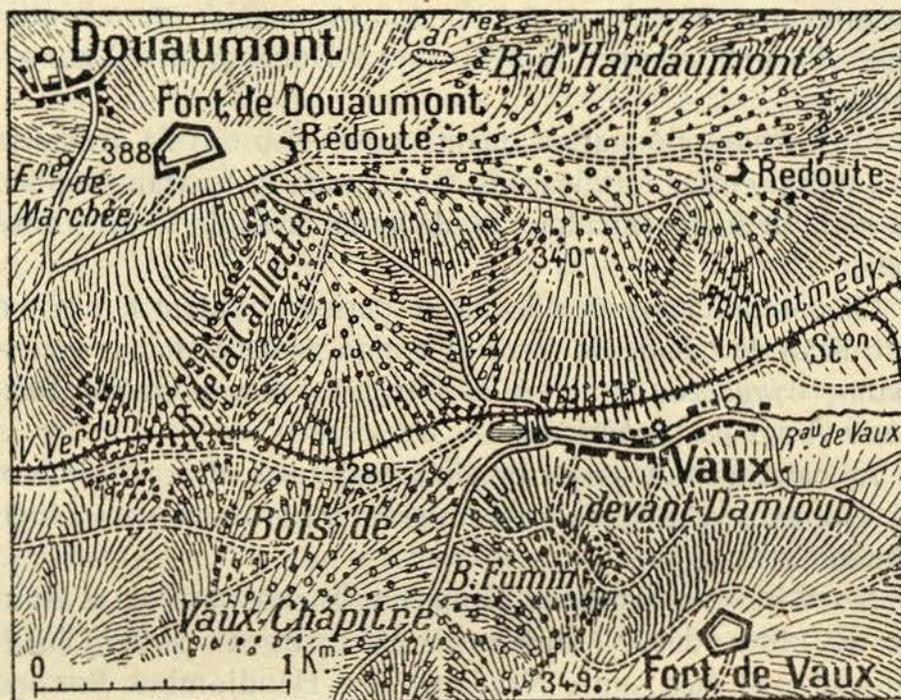
No dia 24 de Março foi atingido e destruído nessa estação um comboio de munições e em 26 o fogo proseguia sobre ela com grande intensidade. A 6 quilometros a S de Vigneulles, a estação de Hendicourt do caminho de ferro de via reduzida de Commercy, onde no dia 27 estacionava um comboio militar, foi também atingida e as granadas francesas provocaram incendio nalgumas carruagens.

De 30 de Março a 5 de Abril

Na margem direita do Mosa

Os mesmos sectores de Vaux-Douaumont, a NE. do campo entrincheirado, e de Avocourt-Béthincourt, a NO., foram du-

rante esta semana teatro de varios e renhidos combates, os quais outróra teriam justificadamente merecido a designação de verdadeiras batalhas.



Carta da região Douaumont - Vaux

No primeiro daquêles sectores, depois de forte bombardeamento que durou todo o dia 29, os alemães conseguiram alcançar as trincheiras francesas em 30 de Março. Precedidos de soldados encarregados de projectar liquidos inflamados, os atacantes lançaram-se ao assalto com o habitual ardor, primeira e segunda vez, sendo sempre repelidos com grandes perdas. Não obstante isso não desistiram do intento. Na tarde de 30 o canhoneio recomeçava com extrema violencia e proseguia durante a noite e dia seguinte, sobre uma frente de 5 quilometros de extensão, desde os bosques de Haudromont, proximos da altura do Poivre, até Vaux.

Durante a noite de 31, a infantaria alemã voltou á carga e executou, com fortes efectivos, dois ataques contra Vaux. O primeiro, eficazmente detido pelo tiro da artilharia e pela fuzilaria, não conseguiu atingir as linhas francesas. O segundo, mais especialmente dirigido contra a povoação, foi de uma

violencia espantosa; os alemães conseguiram ocupar a parte O de Vaux, donde repeliram os defensores.

No dia seguinte, 1 de Abril, pretenderam completar o exito parcial alcançado, tentando desalojar os franceses da vertente e ravina entre o forte de Douaumont e Vaux. O habil e violento fogo dos defensores anulou e deteve o ataque.

Em 2 a luta proseguiu, redobrando de violencia; o bombardeamento pela artilharia de grosso calibre foi prolongado e intenso. Quando os alemães julgaram a defesa suficientemente abalada, lançaram ao assalto quatro colunas que operavam simultaneamente sobre toda a frente de Douaumont a Vaux. No dizer dos franceses, o efectivo empenhado pelo inimigo era superior a uma divisão, mas os resultados não corresponderam ao esforço desenvolvido.

A S. do camínho que liga as povoações de Douaumont e Vaux, fica um bosque bastante extenso, denominado da Caillette; os alemães conseguiram assenhorear-se dêle, mas os contra-ataques e retornos ofensivos dos franceses lograram desalojá-los da maior parte e repeli-los para junto do forte de Douaumont e portanto para N. do bosque. Os ataques a Vaux, comquanto extremamente impetuosos, não alcançaram afastar os franceses dos arredores da povoação.

Durante a noite de 2/3 a luta continuou, sempre ardente, com vantagem para os franceses que pouco a pouco repeliram os adversarios, ganhando ainda algum terreno no bosque da Caillette e restabelecendo o contacto com os defensores das trincheiras junto da aldeia de Douaumont, contacto que durante algum tempo fora interrompido.

Os alemães combateram com um encarniçamento e tenacidade extremos, empregando ataques sobre ataques, numa frente de 3 quilometros, e experimentando graves perdas.

No dia 3 a acção manteve o mesmo ardor. Os franceses proseguiram vigorosamente nos seus retornos-ofensivos e acabaram por reconquistar quasi todo o bosque da Caillette, não deixando em poder dos alemães senão a orla N., proxima do forte de Douaumont. Expulsaram-nos tambem de junto da lagôa existente á saída O. de Vaux e arremessando-se sobre esta desmantelada aldeia, retomaram a parte que aquêles ocupavam, tendo de desenvolver em toda a acção um vigor extremo para conseguirem dominar a energica resistencia que lhes foi oposta.

Os alemães comtudo preparavam já nova ofensiva, a qual foi precedida, como sempre, por um bombardeamento de extrema intensidade, que incidiu sobre a frente desde Douaumont até Vaux.

O fogo durou até ás 3 horas da tarde do dia 4. Nesse momento surgiram do pequeno bosque de Chauffour, a 500-metros a NO. da aldeia de Douaumont, massas compactas da infantaria alemã, seguidas a distancia por outras colunas prontas a lançarem-se atravez de qualquer abertura produzida pelas primeiras nas linhas francesas situadas entre Douaumont e a série de reductos que ligam o forte desse nome á altura de Froide-Terre, para O.

Instantaneamente as baterias e metralhadoras francesas abriram um fogo vivissimo varejando essas massas que, afirma-se, eram de efectivo superior a uma divisão. O fogo dos defensores ceifava literalmente as forças alemãs; por duas vezes estas se despedaçaram contra as trincheiras adversas, embora as pequenas colunas da retaguarda viessem apoiar o assalto. As perdas do atacante atingiram proporções tais que as suas tropas afinal retrocederam desordenadamente, indo refugiar-se no bosque de Chauffour, donde haviam partido.

As baterias francesas concentrando então os seus fogos sobre essa massa de arvoredo, causaram ainda sem duvida novas e importantes baixas naquelas tropas. Nenhum apoio puderam os alemães receber das suas proprias forças que a O. ocupavam o angulo N. do bosque da Caillette, porquanto estas sofriam então o embate da infantaria francesa que as atacava, impelindo-as contra o forte de Douaumont.

Neste sector oriental do campo entrincheirado houve ainda a assinalar, durante este periodo, varias tentativas dos alemães visando mais uma vez á destruição das pontes sobre o Mosa, para o que faziam derivar ao sabor da corrente, e desde Saint-Mihiel, algumas minas fluctuantes que os franceses, sempre alerta, conseguiram rocegar.

Sobre a linha das Alturas do Mosa o bombardeamento diminuiu de intensidade, excepto contra as encostas dominadas pelo forte de Moulainville, cujo canhoneio foi bastante violento, estendendo-se no dia 5 de Abril até Châtillon-sous-les-Côtes.

Em 30 de Março a infantaria alemã atacou vivamente, e por

três vezes, uma obra de fortificação proxima de Haudiomont e que cobre a estrada de Metz para Verdun. Os assaltos foram sempre repelidos.

Na margem esquerda do Mosa

Durante a noite de 28/29 de Março, os alemães tentaram varias vezes reconquistar a parte do bosque de Avocourt donde os franceses anteriormente os haviam repellido; recebidos, porém, com um fogo violentissimo dos canhões, metralhadoras e espingardas, foram forçados a desistir do intento, depois de sofrerem numerosas perdas. O principal ataque foi dirigido contra o chamado reducto de Avocourt, deante do qual os cadaveres dos alemães se amontoaram espantosamente.

No dia seguinte, esta zona de Avocourt não foi perturbada senão por dois combates realizados com granadas de mão, mas em Malancourt, depois de um bombardeamento seguido e que redobrou de intensidade na noite de 29/30, os alemães pronunciaram uma serie de ataques em linhas densas e sucessivas, procurando penetrar na povoação por três lados.

Os franceses referem que não tinham ali mais do que um batalhão e avaliam em 5 brigadas o efectivo das forças atacantes. Esse batalhão defendeu-se tenazmente, opôz uma resistencia energica e, depois de ter infligido graves perdas aos atacantes, bateu em retirada, sem abandonar um unico prisioneiro válido.

Os alemães ocuparam as ruinas de Malancourt, mas não puderam progredir além do seu recinto; os franceses a pequena distancia guardavam todas as saídas.

Assim detidos deante de Avocourt e de Malancourt, os alemães procuraram atingir por outra direcção o vale de Esnes e sobretudo o outeiro de cota 304, que o domina.

Em 31 de Março, pelas 6 da tarde, depois de terem bombardeado as posições de Mort-Homme a N. E. da cota 295 e portanto na direcção do bosque de Corbeaux, cobriram as trincheiras francêsas de granadas lacrimogeneas e em seguida arremessaram-se furiosamente ao assalto dessas trincheiras.

Por algum tempo conseguiram instalar-se em varios elementos delas, mas um violento retorno ofensivo dos franceses logrou expulsá-los. Um ataque tentado entre o alto da

cota 295 e a ribeira de Esnes, também não foi coroado de êxito.

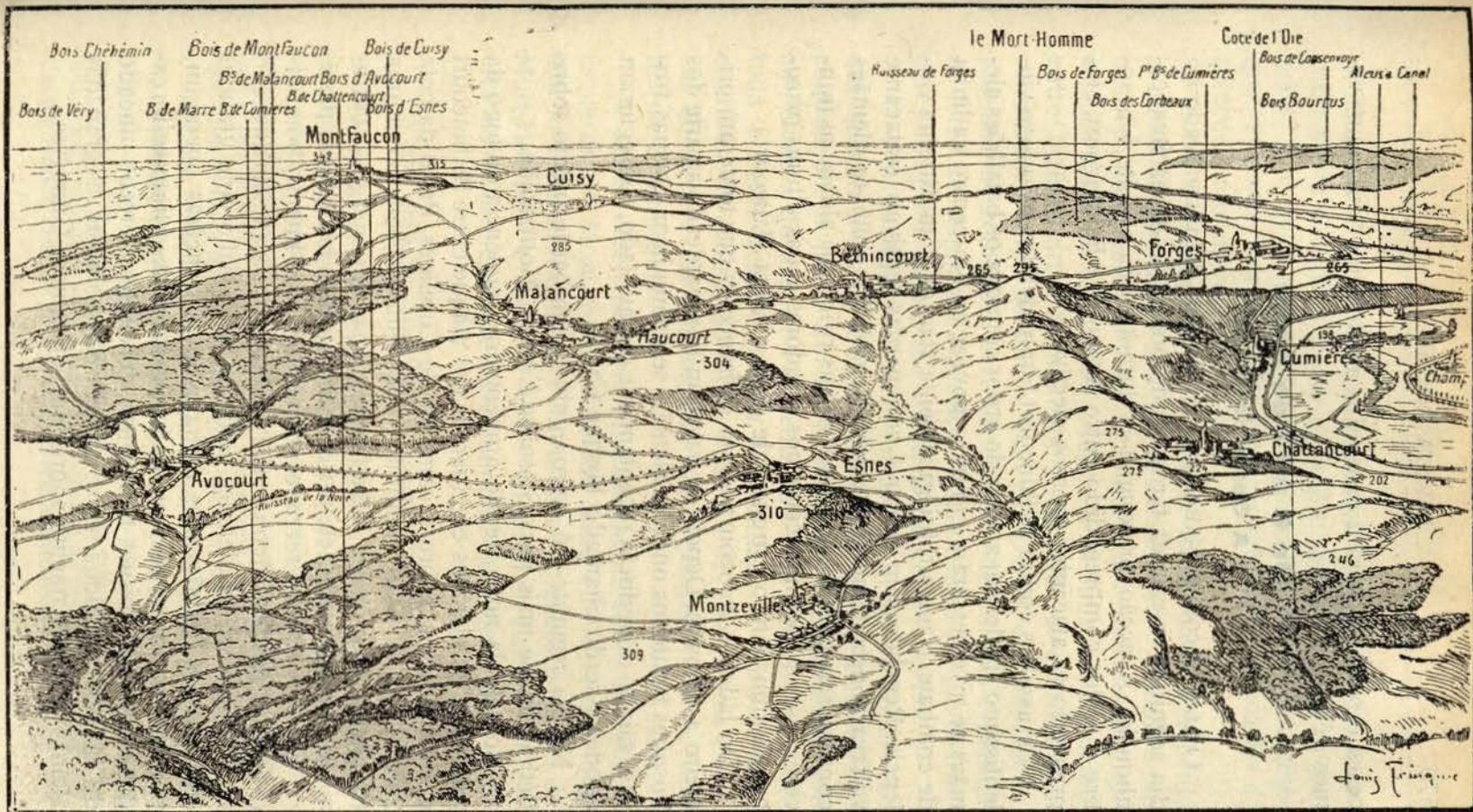
Até 2 de Abril ambas as infantarias permaneceram em descanso e apenas o canhão troou num bombardeamento intermitente. Nesse dia, porém, novos e repetidos assaltos foram executados, com grandes efectivos, contra o reducto de Avocourt; a artilharia e as metralhadoras francêsas conseguiram, contudo quebrar-lhes o impeto e repeli-los.

Ao mesmo tempo, os alemães dirigiam intenso bombardeamento sobre Haucourt e Esnes, como preludio de um vigoroso ataque sobre toda a frente de Haucourt a Béthincourt e sobre as trincheiras da margem esquerda da ribeira de Forges. Ora estas trincheiras, muito expostas desde o abandono de Malancourt, haviam sido evacuadas pelos franceses durante a noite 31 Março / 1 Abril, sem que os alemães o percebessem. Durante todo o dia 1, estes ultimos tinham permanecido em frente dessas verdadeiras galerias desertas e em 2 lançaram-se contra elas, pensando expulsar os defensores.

Por seu lado os franceses tinham recuado a linha de defesa sobre a margem esquerda da ribeira de Forges, cujas vertentes escalvadas e de declive suave, formando esplanada, ofereciam um soberbo campo de tiro. Os canhões aí postados, juntamente com as baterias de Béthincourt, as quais tomavam os atacantes de escarpa, dizimaram cruelmente os alemães, que afinal encontraram as trincheiras adversas vazias. . . embora na verdade realizassem mais um avanço.

O bombardeamento recomeçou desde Avocourt até Béthincourt. Parecia ser o preludio de um grande ataque, mas os alemães apenas realizaram uma tentativa de assalto contra Haucourt (a N. O. da cota 304), na tarde do dia 4 de Abril, assalto que os franceses facilmente repeliram.

Pelo que sucintamente fica exposto, vê-se que por esta época—fins de Março e primeiros dias de Abril—a batalha em torno de Verdun parecia consistir apenas em ataques diversos, sem grande ligação, destinados a procurar um ponto fraco da linha de defesa e ao mesmo tempo a preparar a satisfação á opinião pública alemã, ha muito na expectativa de um êxito importante que compensasse os dolorosos sacrificios suportados. Esse êxito foi tentado de facto e com grande vigor no dia 9 de Abril, mas, felizmente para os fran-



Vista panorâmica do teatro das operações entre Avocourt e a margem esquerda do Mosa

ceses e portanto para a causa dos aliados, abortou, como vamos vêr.

De 6 a 12 de Abril

A Oeste do Mosa

O ataque contra Haucourt, repellido em 4, foi renovado no dia seguinte ao cair da tarde, sendo precedido do habitual canhoneio. A acção prolongou-se durante toda a noite 5/6, sobre o sector compreendido entre Avocourt e Béthincourt, empregando os atacantes grossos efectivos.

Os assaltos contra Béthincourt foram detidos pelo fogo violentissimo da defesa, apesar do ardor com que os batalhões alemães se arremessaram contra a povoação. No centro da linha de combate, Haucourt foi igualmente atacada com extrema violencia. Repellido sem cessar e com perdas sensiveis, o atacante voltava constantemente á carga. A meio da noite, os alemães conseguiram enfim estabelecer-se nas ruinas da aldeia; os franceses, porém, permaneciam nos arredores e das alturas proximas dominavam o estreito vale onde assenta Haucourt.

Do lado de Avocourt foram os franceses que tomaram primeiro a ofensiva. Depois de haverem bombardeado a parte dos bosques fronteiros onde os alemães se mantinham, as suas tropas, saindo do reducto recentemente conquistado, conseguiram apoderar-se do chamado bosque Carré.

No dia seguinte — 6 — proseguiu o bombardeamento sobre Béthincourt e mais para S., sobre Esnes e Montzéville.

Ao caír da noite, tendo aumentado a violencia do fogo da artilharia, os alemães efectuaram um ataque entre Béthincourt e Mort-Homme, sobre o caminho de Cumières. Perto da cota 265 — junto a esse caminho — conseguiram penetrar numa trincheira da primeira linha francesa, mas um energico contra-ataque permitiu aos defensores reconquistá-la em grande parte.

Em 7 os ataques recommçaram. Depois de intenso bombardeamento, desde Haucourt até 2 quilometros para E., na direcção de Béthincourt, os alemães tentaram um assalto com grandes efectivos; os canhões e as metralhadoras francêsas operaram, porém, por forma tal que as forças atacantes viram-se forçadas a recolher ás suas trincheiras, deixando o terreno juncado de cadaveres. Enquanto se travava este combate, as granadas alemãs caíam rijamente sobre Mort-Homme e Cumières.

Durante a noite 7/8 aquele assalto foi varias vezes renovado sobre a mesma frente e sempre sem exito para os alemães, que, mais felizes para O., conquistaram aos franceses duas pequenas obras situadas entre a orla S. da povoação de Haucourt e o alto de cota 287.

O dia 8 foi marcado só pelo troar da artilharia. Enquanto a alemã bombardeava a linha de Béthincourt a Cumières, os canhões franceses tomavam por objectivo as baterias inimigas estabelecidas no bosque de Cheppy e na zona compreendida entre Malancourt e Montfaucon, zona onde os alemães concentravam numerosas forças, bem como a N. de Montfaucon, proximo de Nantillois, estação terminus de um dos caminhos de ferro de campanha ligados á linha de Sedan e que os franceses atingiram com a sua artilharia de grosso calibre.

O alto comando francês, contava já neste momento — ao que se afirma — com a vigorosa ofensiva que os alemães iam empreender a partir do dia 9, ofensiva geral, excedendo em amplitude a do mês de Fevereiro, pois se ia desenvolver sobre toda a frente desde a floresta de Montfaucon, perto de Avocourt, até ás Alturas do Mosa, proximo de Vaux, numa extensão de cerca de 25 quilometros, isto é, comparavel á da batalha da Champagne.

A acção desenvolveu-se principalmente sobre a margem esquerda do Mosa, ou a O. do rio, entre a floresta de Montfaucon e Cumières, abrangendo as tão cubiçadas posições de Mort-Homme¹ e da cota 304 e foi tambem particularmente viva entre Vacherauville e Douaumont. Um intervalo de cerca

¹ A'cerca desta tão falada posição, escreveu um oficial do estado maior francês:

«No cruzamento da estrada de Béthincourt a Chattancourt com o caminho que, fazendo um lacete, conduz de Cumières a Esnes, elevava-se outrora um cruzeiro. Marcava o local onde fora encontrado o corpo de um desconhecido. Assassinio ou morte repentina, a cronica não profundou este drama misterioso, hoje de tão pouco interesse. Daí porem o nome de Mort-Homme, que presentemente toma lugar na grande Historia.

«De uma das colinas que se elevam a Sul, o Mort-Homme surge no centro da paisagem como um triangulo muito alongado, ou antes como um outeiro de encostas suaves. Na nossa frente os prados são verdes e vigorosos; mas sobre as vertentes do Mort-Homme a terra está nua, sem uma arvore, dilacerada, rasgada aqui e além por trincheiras ou pelos funís de explosão das granadas, e toda ela de um tom uniformemente escuro...».

de 5 quilometros separa estas duas zonas, as quais foram simultaneamente teatro de duas verdadeiras batalhas, sendo a mais violenta a travada na zona a Oeste.

Previendo pois a vigorosa ofensiva inimiga, os franceses na noite de 8/9 de Abril evacuaram o saliente que na frente da sua primeira linha formava a povoação de Béthincourt — alvo já de tantos ataques — e procederam por fórma que os alemães ou não notaram o movimento ou pelo menos não o perturbaram. A linha de defesa ficou assim rectificadada, não apresentando um ponto tão vulneravel, mas a verdade tambem era que os franceses mais uma vez recuavam.

No dia 9 os alemães atacaram com efeito e com o seu habitual ardor, empenhando um efectivo computado em 5 divisões. Assaltos sobre assaltos foram executados sem tregua, mas a resistencia dos defensores correspondeu em tenacidade e vigor ao impeto dos ataques, os quais foram afinal todos repellidos. Entre Mort-Homme e Cumières a luta foi particularmente encarniçada. Os assaltantes, abandonando o abrigo que lhes ofereciam os bosques de Corbeaux e de Cumières, apresentavam-se em formações espessas — provavelmente colunas de costado — as quais ofereciam boa presa ás rajadas da artilharia e ao tiro continuo das metralhadoras.

Verificando a inutilidade dos seus repetidos esforços, os alemães retiraram por fim, deixando o terreno juncado de centenas de cadaveres. Foi neste sector que as suas perdas foram mais sangrentas. As forças que directamente atacaram a posição de Mort-Homme sofreram igualmente grande numero de baixas.

Não menos violento foi o ataque sobre o sector compreendido entre o bosque de Avocourt e a ribeira de Forges, a S. de Hautcourt, mas em toda a frente foi detido pela desesperada resistencia dos defensores, que por fim forçaram os atacantes a retirar.

Na orla do bosque de Avocourt ainda uma força alemã chegou a assenhorear-se por algum tempo de uma trincheira, mas foi afinal obrigada a evacua-la.

A acção parecia constituir pois um completo revez para os alemães nesta parte da frente; á noite porem, ao realizarem um novo e impetuoso ataque contra Mort-Homme, lograram penetrar, numa extensão de 500 metros, na linha francesa mais avançada, sofrendo embora importantes perdas.

Durante a noite o bombardeamento recomeçou com enorme violencia, especialmente sobre o alto da cota 304 e proseguiu na manhã de 10 até ao meio dia, hora a que os alemães desmascararam um forte ataque sobre a extensa frente desde Haucourt até Béthincourt.

Apesar da impetuosidade do assalto, os franceses mantiveram o terreno nas encostas S. do vale e causaram perdas sensíveis ao atacante.

Entre Mort-Homme e Cumières os alemães voltaram a atacar com impeto igual ao da vespera, mas todos os seus esforços para quebrar e dominar a resistencia dos defensores foram eficazmente anulados. Durante a noite 10/11, os ataques foram ainda renovados sobre Mort-Homme, mas apesar do emprego de jactos de liquidos inflamados, os alemães não conseguiram desalojar os defensores da cubiçada posição.

Entretanto na extrema direita da linha francesa, alguns elementos de trincheiras caíram em poder dos atacantes.

O dia 11 foi de descanso para a infantaria, mas o canhão não cessou de troar, especialmente sobre Mort-Homme e Cumières, preparando nova ofensiva para a manhã seguinte. Com efeito, em 12 os alemães lançaram-se sobre o pequeno bosque de Caurettes, situado proximo e à S. do caminho de Mort-Homme para Cumières. Apesar do emprego dos liquidos inflamados, o assalto foi completamente repellido.

A'parte um pequeno exito parcial, a grande ofensiva do dia 9 de abril resultou improficua para os alemães, como vimos. O general Pétain, que os franceses dizem ser sobrio de manifestações, dirigiu no dia 10 ás numerosas tropas do seu comando a seguinte *Ordem do dia*, a qual acentua a importancia da acção travada e do revez infligido aos alemães no dia anterior:

«A data de 9 de Abril é a de um dia glorioso para os nossos exercitos. Os assaltos furiosos dos soldados do Kronprinz por toda a parte foram repellidos: infantes, artilheiros, sapadores e aviadores do segundo exercito rivalizaram de heroismo. Honra e gloria a todos! Os alemães voltarão sem duvida a atacar; que cada um proceda por forma a alcançar o mesmo exito que ontem.

«Coragem... Vencê-los-hemos!»

A Este do Mosa

Sobre a margem direita do Mosa e no começo desta semana — 6 a 12 de Abril — os alemães apenas realizaram um ataque de certa importancia sobre a altura do Poivre. Esta longa crista de vertentes escavadas estende-se por cerca de 3 quilometros, desde as proximidades de Louvemont até o Mosa, perto de Vacherauville. Deste lado um pequeno bosque cobre a encosta sobre o rio e desce até uma favela, onde existe uma fonte denominada de S. Martinho.

No dia 6 os alemães anunciavam por meio de violento bombardeamento que iriam executar um forte ataque com a infantaria. A artilharia francesa porem respondeu com tal precisão, que os alemães não chegaram a sair das trincheiras.

Até 9 houve tranquilidade nesta zona, mas neste dia novamente o canhão troou com toda a violencia, e com o mesmo resultado, no decurso do dia. Durante a noite, porem, travou-se uma acção muito violenta no pequeno bosque proximo da fonte de S. Martinho e no dia seguinte o bombardeamento continuou sem interrupção.

Mais para E., as posições de que os franceses se tinham reapoderado no bosque da Caillette, a S. de Douaumont, foram assaltadas em 5; depois de experimentarem graves perdas, os alemães tiveram de bater em retirada. No dia seguinte foram os franceses que tomaram a ofensiva e numa acção á baioneta conseguiram expulsar os adversarios de uma zona de 500 metros de frente e 200 de profundidade. Os alemães executaram ainda um retorno-ofensivo, mas não lograram recuperar o terreno perdido.

Em 7 e 8 ainda os franceses continuaram a conquistar passo a passo mais algum terreno.

No dia 9, a violenta acção tentada sobre a altura do Poivre estendeu-se até ás proximidades de Vaux, mas sem exito para os alemães, em toda a frente detidos pelo eficaz fogo da defesa. No dia seguinte tomaram êles novamente por objectivo o bosque da Caillette, que atacaram repetidas vezes, sendo sempre repellidos.

Durante a noite de 10/11 um ataque, precedido do lança-

mento de jactos de liquidos inflamados e dirigido contra as trincheiras tomadas pelos franceses no dia 9, nas proximidades da aldeia de Douaumont, rendeu aos atacantes um sangrento revez, depois do qual os alemães retomaram com dobrada violencia o bombardeamento da região de Douaumont-Vaux, ao mesmo tempo que o canhoneio proseguia contra as posições francesas das Alturas do Mosa.

A infantaria permaneceu em descanso no dia 10, mas os alemães não tinham renunciado a apoderarem-se de Douaumont, do bosque da Caillette e dos arredores de Vaux.

No dia 11 o bombardeamento aumentava de intensidade e á chuva incessante de granadas de grosso calibre seguiam-se violentas rajadas com granadas lacrimogeneas ou asfixiantes. Quando calcularam a preparação suficiente e talvez evacuadas as trincheiras francesas ou estas apenas ocupadas por moribundos, os alemães executaram um forte ataque, desde Douaumont até Vaux, e de facto conseguiram penetrar nalguns elementos de trincheiras. Os franceses contra-atacaram porem com tal energia que não só imediatamente recuperaram essas trincheiras, como, repelindo os alemães, lhes fizeram uma centena de prisioneiros.

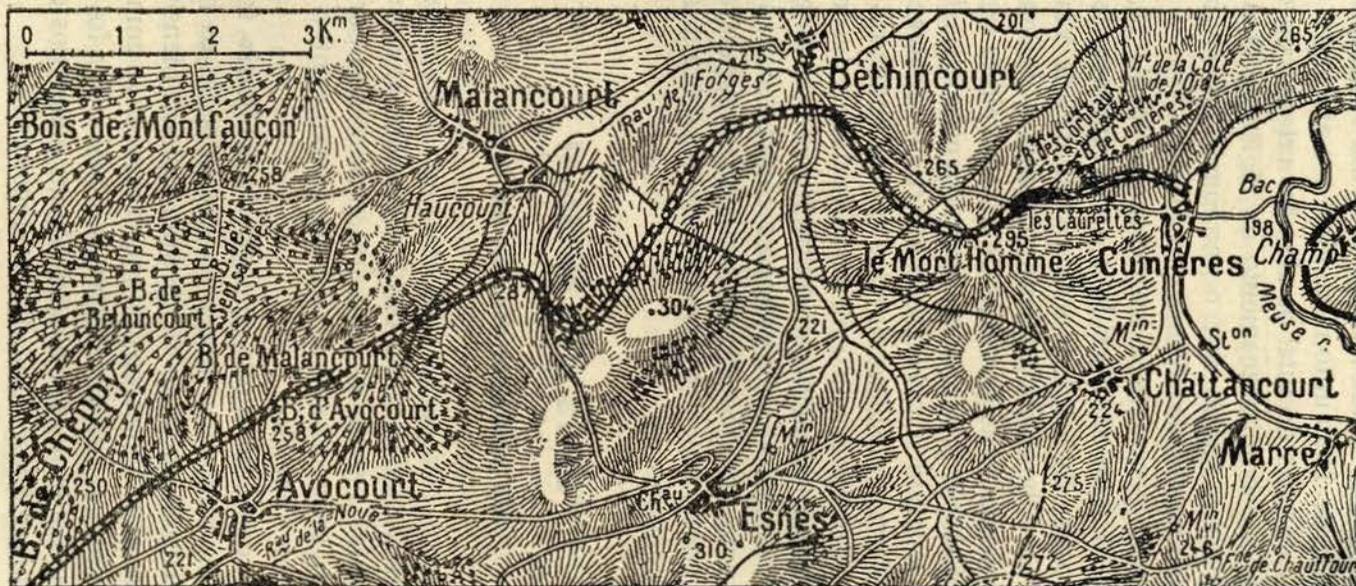
De 13 a 19 de Abril

Na margem direita do Mosa

Ao começar esta semana, os comunicados officiais assinalavam uma actividade regular das baterias alemãs entre o Mosa e Douaumont. Na tarde de 13, o tiro acentuava-se porém, preparando um pequeno ataque a S. de Douaumont, o qual foi completamente repellido.

A partir deste momento, o fogo da artilharia foi sendo cada vez mais intenso, o que aliás não impediu os franceses de pronunciarem, na tarde de 15, uma violenta ofensiva sobre as trincheiras alemãs de Douaumont. O respectivo comunicado é, como sempre, sobrio de informações, mas a luta foi renhida, conseguindo os franceses ocupar alguns elementos das trincheiras inimigas e fazer uns 200 prisioneiros.

Nos dias seguintes o canhoneio proseguiu, tomando as baterias alemãs por principal objectivo a parte S. dos bosques



Frente de batalha do exercito francês a O. do Mosa, em 12 de Abril

de Haudromont, os quais cobrem as cristas e encostas, estriadas de ravinas, de um vale que, proximo de Bras, se abre sobre o Mosa, junto ao sopé da altura do Poivre.

Em 17, o bombardeamento intensificava-se e na manhã de 18, desde o Mosa, na altura de Bras, até Douaumont, atingia uma violencia espantosa.

A crista do Poivre, os bosques de Haudromont a N. da-quele vale e o de Chauffour a S., foram submetidos a uma chuva incessante de granadas, cada vez mais numerosas até ás 2 horas da tarde. Neste momento a infantaria alemã pronunciou um energico ataque sobre uma frente de 4 quilometros. As primeiras informações diziam que pelo menos duas divisões haviam sido lançadas ao assalto; posteriormente afirmou-se que fora verificada a presença de regimentos pertencentes a 5 divisões diferentes. Asseveram os franceses que estas tropas, tiradas de varios corpos de exercito, tinham sido reunidas em duas divisões de três brigadas cada uma, ou ao todo 12 regimentos, isto é, o efectivo da infantaria de corpo de exercito e meio.

A massa de tropas empenhada pelos alemães era pois importante, contando cêrca de 35:000 homens.

Depois de uma tão prolongada e intensa preparação pelo fogo da artilharia, os atacantes tinham razão para supôr bastante abaladas as tropas da defesa.

A verdade, porém, é que mal o ataque se iniciou, os franceses responderam-lhe vigorosamente; canhões e metralhadoras sobretudo, causaram desde logo perdas sangrentas ás colunas de assalto. Nas extremidades da altura do Poivre, junto do Mosa e do bosque de Haudromont, o ataque atingiu extrema violencia; os alemães deixaram aí acumulados mortos sobre mortos.

Sobre essa frente de 4 quilometros o ataque foi rudemente repellido, excepto na extrema direita da posição, onde os alemães alcançaram penetrar numa trincheira da primeira linha, a S. do bosque de Chauffour. Entretanto, com um retorno-ofensivo energico, os franceses reconquistaram-na em parte.

Emquanto se travavam estas acções, a artilharia alemã mantinha fogo quasi continuo sobre as posições das Alturas do Mosa. A aldeia de Moulainville situada abaixo do forte do mesmo nome, o qual protege a S. a entrada da linha ferrea

e da estrada de Conflans naquelas Alturas, e a de Haudiomont, onde a estrada directa de Metz penetra no mesmo massiço de montanhas para se dirigir a Verdun, foram mais especialmente visadas pelo canhoneio.

Nesta zona preparava-se um ataque e alguns movimentos de tropas alemãs foram assinalados no Woëvre. As baterias francesas instaladas nas proximidades da estrada de Pont-à-Mousson a Saint-Mihiel, atingiram comboios de viaturas entre Nonsard e Essey e algumas concentrações de tropas inimigas nesta mesma região e já proximo das Alturas. Finalmente, no dia 19 desencadeou-se o ataque da infantaria alemã contra as posições de Eparges; os franceses defenderam-se valorosamente e repeliram os atacantes da unica trincheira que êles tinham logrado atingir.

Na margem esquerda do Mosa

Durante toda esta semana os franceses contaram com grandes acções nesta zona e comtudo nenhum movimento importante da infantaria se produziu, não obstante a persistencia e intensidade do canhoneio.

No dia 12, numerosos indicios faziam prever um ataque para o cair da tarde, mas a artilharia francêsa abriu fogo sobre as trincheiras inimigas e sobre as concentrações de tropas assinaladas no bosque de Malancourt, e de tal modo êle foi eficaz que as colunas de assalto não chegaram a poder formar-se e as forças que guarneciam as trincheiras da primeira linha alemã não se arriscaram a sair dos abrigos.

Até 19 tudo se limitou ao duelo continuo da artilharia. As baterias alemãs visaram especialmente o pequeno bosque de Caurettes, entre Cumières e Mort-Homme, o outeiro de cota 304 e as segundas linhas da defesa, entre Montzéville e os bosques Bourrus.

Correspondendo activamente ao fogo do inimigo, os canhões franceses tomaram por principal objectivo o bosque de Corbeaux, as pontes da ribeira de Forges e as estradas que irradiam de Montfaucon e se dirigem para toda a frente a O. do Mosa.

De 20 a 26 de Abril

Neste periodo os combates em torno de Verdun continuam, mas mais espaçados, travados sobre frentes reduzidas e, não obstante serem precedidos de bombardeamento de extrema violencia, não revestem o encarniçamento das lutas anteriores.

Sobre a margem direita do Mosa apenas se realizou um ataque e foram efectuados dois sobre a margem esquerda.

De nenhum dêles resultou qualquer ganho de terreno para os alemães; pelo contrario os franceses, segundo asseveram, com alguns golpes de mão felizes, avançaram um pouco as suas linhas, consolidando-as quer a N. O. da lagoa de Vaux, quer a S. do bosque de Haudromont, entre Douaumont e Bras.

O ataque na margem direita foi realizado no dia 20 á tarde e incidiu sobre a frente desde a granja de Thiaumont, a S. O. de Douaumont, até á lagoa de Vaux. Depois do activo bombardeamento habitual, a infantaria alemã avançou rapidamente e conseguiu ocupar parte das trincheiras francesas, mas contra-atacada sem demora foi delas desalojada e repelida sobre as proprias posições.

Em 22, ainda os alemães esboçaram nova ofensiva, mas os canhões franceses contiveram-nos nas respectivas trincheiras, que activamente bombardearam.

Sobre a margem esquerda os esforços dos alemães visaram, como sempre e de preferencia, a posição de Mort-Homme, mas foram sem resultado e ainda os franceses lograram reapoderar-se de parte das trincheiras que nela haviam perdido em 10 de Abril, assim como de uma outra trincheira a N. do bosque de Caurettes. Nestas acções afirmam terem feito 150 prisioneiros.

Os alemães responderam por um bombardeamento violento e na noite de 21/22 atacaram as encostas N. de Mort-Homme, penetrando por momentos nas trincheiras francesas, donde aliás logo foram expulsos. Ao mesmo tempo, projectavam liquidos inflamados sobre os abrigos franceses a N. do bosque de Caurettes e esboçaram sobre êle um ataque, que foi prontamente repellido. No dia seguinte renovaram, sem melhor exito, a ofensiva entre Mort-Homme e o vale d'Esnes.

Depois deste revez, retomaram o bombardeamento, dando-lhe intensidade crescente, e mais uma vez, na tarde do dia 24, se arremessaram contra Mort-Homme, que sofreu três assaltos, todos repellidos.

Entretanto os franceses, embora persistindo na defensiva, procuravam constantemente destruir com a artilharia de longo alcance e com bombas lançadas dos aviões os centros de abastecimento e de concentração dos alemães, estações de caminhos de ferro, vias de comunicação e os principais acantonamentos, diligenciando assim prejudicar-lhes e dificultar-lhes a ofensiva.

P. S.

CRÓNICA DO EXERCITO ESPANHOL

— Alterações nas viaturas do trem regimental dos regimentos de cavalaria

Os *carros de viveres e bagagens* dos regimentos de cavalaria foram destinados aos regimentos de infantaria com a designação de *carros de batalhão*.

Os antigos *carros de esquadrão*, por serem muito pesados, foram substituídos por outros mais leves, conservando a mesma designação, e podendo transportar a carga maxima de 1¹,5, e sendo puxados a duas parelhas. Estes carros são pintados de cinzento e tem o numero do regimento e o do esquadrão. Cada regimento de cavalaria fica tendo cinco destes carros, sendo um por esquadrão e um para o *estado maior e menor* do regimento. A cada carro, além dos condutores, é dado um servente.

Cada carro de esquadrão transporta: 4 malas m/902 para oficial, 1 caixa para arquivo, 1 caixa com ferramenta de ferrador, 6 caixas com 100 ferraduras de pé e de mão e um masso de cravos, 1 bolsa de curativo, 10 cantinas para a confecção do rancho (no caso de não haver cozinhas rodadas) para 4 oficiais e 150 praças, 1 caixa com cabeçadas de manjedoura, almofaças, redeas, etc.

Os *carros de viveres e forragens* m/1911, já empregados na artilharia, passam tambem a ser regulamentares na cavalaria.

Cada regimento de cavalaria é dotado com 4 destes carros (um por esquadrão) a três parelhas, sendo a sua carga maxima de 3^T. Estes carros, além dos condutores, tem tambem um servente.

Os viveres transportados por estes carros com os levados pelos homens perfazem 4 rações por homem.

Dentro de pouco tempo deverão estar transformadas e substituídas as viaturas do T. R. dos regimentos de cavalaria para o que foi destinada uma verba importante.

II — O regulamento do corpo auxiliar da Intendencia militar

O corpo auxiliar da Intendencia fôra organizado em dezembro de 1912; mas só agora foi publicado o respectivo regulamento.

Este corpo tem por missão fornecer o pessoal auxiliar ás secretarias e estabelecimentos da Intendencia e aos hospitais militares.

O pessoal do corpo auxiliar forma cinco categorias: escreventes, auxiliares de 3.^a, de 2.^a e de 1.^a classe, e auxiliares principais.

Os individuos das três ultimas categorias são equiparados a officiais para os efeitos de alojamento, transportes, gratificações, etc.

Os escreventes são equiparados a sargentos para os mesmos efeitos.

O recrutamento deste pessoal é feito entre os sargentos do exercito, tendo pelo menos 4 anos de posto e boas informações.

A entrada no corpo é por meio de concurso e no posto de escrevente.

O exame de admissão compreende, gramatica castelhana, noções de aritmetica, noções de historia e geografia de Espanha, noções de contabilidade, resumo da organização do exercito, e, mais desenvolvidamente, a do corpo de Intendencia.

Os vencimentos são respectivamente para as cinco classes: 1.250, 1.500, 2.000, 2.500 e 3.500 pesetas anuais.

Para os auxiliares e escreventes ha um unico *limite de idade*, que é aos 60 anos.

III — O projecto de reformas militares do general Burguete

O general Burguete, um dos mais illustres do exercito espanhol, acaba de publicar em livro um projecto de reorganização do exercito, o qual merece um serio exame.

Este general julga indispensavel a existencia dos exercitos permanentes e que é uma utopia os exercitos milicianos, que custam mais caros, e não podem satisfazer ao fim com que é organizada a força armada de uma nação—defender a honra e a integridade de uma maneira rapida e energica.

Considera que o serviço nas fileiras não deve ser inferior a 3 anos, e que a incorporação deve ser regulada de modo que se tenha em cada ano 270.000 homens durante 5 meses e 109.000 nos 7 meses restantes.

A força mobilizável da 1.^a linha calcula-a em 500.000 homens; em 400.000 a da reserva do exercito activo; em 1.000:000 a do exercito territorial.

Em cada ano poderão ser concedidas licenças nos meses de junho, julho e agosto para facilitar os trabalhos agricolas, e ainda nos meses de novembro, dezembro e janeiro, de modo a ter, nos outros meses, efectivos maximos, para permitirem uma mais util e intensiva instrução nos corpos.

Com um efectivo medio de 235:700 homens serão organizadas 20 divisões. O país deverá ser dividido em 10 regiões militares, sendo distribuidas as forças de modo a ficar reforçada a fronteira portugûesa, e tendo reservas centrais, que permitam acudir rapidamente, ou á fronteira portugûesa, ou á fronteira francesa.

Cada região territorial compreenderia duas divisões activas e uma de reserva, mobilizando um corpo de exercito para entrar em operações.

O exercito activo seria constituído por 6 classes, ou sejam 410.400 homens (admitindo uma redução de 20 $\frac{0}{0}$).

A reserva compreenderia outras 6 classes, e no fim dos 12 anos de serviço os homens passariam durante 6 anos a constituir o exercito territorial, do qual fariam tambem parte 18 contingentes da *quota militar*, que dariam 648:000 homens, e bem assim 18 classes dos excluidos temporariamente, que forneceriam 630:000 homens. Desta forma, admitindo uma redução de 40 $\frac{0}{0}$, poder-se-ia constituir um exercito territorial de mais de 1.000:000 de homens.

No *pé de paz* haveria 80 regimentos de infantaria a 2 batalhões e 80 de reserva, e, no caso de uma mobilização seriam rapidamente mobilizadas 40 divisões, formando 20 corpos de exercito.

A unidade complexa fundamental seria a *brigada mixta*, composta de 2 regimentos de infantaria a 2 batalhões e com uma companhia de metralhadoras e 2 secções de granadeiros, 3 esquadrões de cavalaria e 1 secção de metralhadoras, 3 baterias de artilharia T. R. com uma coluna ligeira de munições

de infantaria e artilharia, uma coluna de viveres e uma coluna sanitaria. Desta forma a brigada mixta seria dotada com todos os elementos necessarios para actuar com certa independencia. Suprime os batalhões de caçadores.

Considera deprimente que, com os recrutas pobres façam serviço os que pagam a *quota militar*, os quais, por serem ricos, gosam de um grande numero de privilegios (usarem uniforme de melhor pano, dormirem fóra do quartel, terem melhor alimentação, e não fazerem serviço de fachina).

A quota militar é cara para os interessados, humilhante para os pobres e ruínosa para o estado, por isso que este recebe menos do que no regime das *remissões*.

Admitindo que anualmente 36:000 homens pagavam 2:000 pesetas de remissão, estes 72 milhões permitiriam a amortização e juros de um emprestimo 1.000 milhões, a 4 $\frac{0}{0}$, que serviriam para comprar armamento, viaturas e diverso material, além de se poderem construir novos quartéis em melhores condições de comodidade e de higiene do que os actuais.

Calcula o general Burguete que, a sua projectada organização não exigiria uma despesa superior a 254 milhões de pesetas, compreendendo as despesas com o exercito de Marrocos, e assim se poderiam economisar perto de 20 milhões de pesetas, em comparação com as despesas actuais.

IV — A aviação e a aerostação no exercito espanhol

Cada vez vai tomando maior desenvolvimento o serviço de aviação no exercito espanhol. Um novo parque de aviação vai ser estabelecido em Cordova, ficando subordinado ao parque existente em Guadalajara. Outro parque vai tambem ser instalado em Albacete.

— Ultimamente se realizaram alguns raids de aviação. Quatro aeroplanos saídos do aeródromo de *Cuatro Vientos* se dirigiram a Cartagena, aterrando nos pontos intermedios de Alcazar e Albacete.

De Cuatro Vientos a Alcazar são 122 quilometros, daqui a Albacete são 120, e desta povoação a Cartagena, 165. O percurso total foi de 407 quilometros. Eram dois aeroplanos do tipo Farman e dois biplanos.

Um destes sofreu avaria no motor e teve de aterrar em *La Gineta*.

Depois regressaram a Madrid sem incidente algum.

Outro raid teve lugar de Soria a Guadalajara, tendo saído daquela cidade 3 biplanos, que percorreram 105 ql. em 1 h. e 20^m.

O corpo de aviação espanhol tem tomado grande incremento, tendo-se já construído em Espanha algumas máquinas, nas quais os engenheiros deste país têm introduzido melhoramentos importantes. O novo curso de aviação para oficiais vai começar em 1 de setembro e a ele podem concorrer 20 oficiais para pilotos e 30 para observadores, devendo os trabalhos realizarem-se nos aeródromos de Cuatro Vientos, Alcalá de Henares, Sevilha, Guadalajara e Cartagena. Os oficiais têm direito a uma gratificação especial.

A aerostação não tem merecido menos atenção, estando-se agora a construir mais um parque, em Tablada, próximo de Sevilha.

V — A industria do aço na Vizcaya

A industria do aço tem tomado em Espanha nestes últimos dois anos um grande impulso. E' evidente que a guerra actual tem sido a principal determinante do desenvolvimento deste ramo da industria fabril.

A *Sociedade dos Altos Fornos de Vizcaya* tem aumentado consideravelmente a produção do aço. Ultimamente está fabricando aços especiais destinados a projecteis e a peças de artilharia para o exercito nacional. Tem também fabricado aços para os motores e molas de automoveis. A fabrica de Sestão acaba de instalar uma grande officina de forjar, onde podem ser construídas massas de aço pesando 60^T, com destino ao fabrico de canhões, de arvores de helice, etc. Com esse fim montou grandes prensas hydraulicas de 2.000^T de potencia. Na mesma fabrica se está produzindo o benzol, destinado aos automoveis, que deixa de ser importado do estrangeiro.

VI — A Escola Superior de Guerra

Em resultado das classificações obtidas pelos candidatos no ultimo concurso de admissão á escola superior de guerra,

foram nomeados alunos desta escola 5 capitães, 11 primeiros tenentes e 14 segundos tenentes.

São 3 capitães de cavalaria, um de artilharia e um de infantaria; dos 1.^{os} tenentes, são 4 de engenharia, 1 de artilharia, 2 de cavalaria e 4 de infantaria; dos 2.^{os} tenentes, são 13 de infantaria e 1 de cavalaria.

Temos assim, por armas: de engenharia, 4 alunos; de artilharia, 2; de cavalaria, 6; de infantaria, 18.

Os novos alunos deverão apresentar-se na escola em 15 de setembro.

VII — Concurso para livros militares

Está de ha muito consagrado em Espanha o uso de se abrirem concursos, quando se torna necessario adoptar novos livros nas academias militares, sendo largamente recompensados os autores dos livros classificados. Esta forma de proceder tem dado excellentes resultados, constituindo um estimulo para os que trabalham e consagram algumas horas, que lhes sobram do serviço official, a estudos especiais.

Foram agora abertos concursos para tres livros. Um para uma *hipologia com noções de fisiologia e higiene veterinaria*, e que deverá servir de texto nas lições professadas na academia de cavalaria.

A materia da anatomia do cavallo deverá ser distribuida por 15 lições, a de fisiologia por 15 e a de higiene veterinaria por 10. Compreenderá ainda *noções da arte de ferrar*, que serão desenvolvidas em 14 lições, assim como *noções de higiene militar do homem*.

O livro deverá conter numerosas gravuras para melhor se compreender os assuntos tratados, tanto no que diz respeito ao cavallo como ao homem, e tambem modelos de ferraduras francesas e inglesas; ferradura Charlier, ferraduras orientais — arabe, marroquina e turca; ferraduras especiais para o gelo e o protector Lacombe.

— Vem em segundo logar um livro de *Zootecnia geral dos equideos*, destinado tambem á academia de cavalaria.

O programa de zootecnia geral será desenvolvido em 18 lições; e o relativo aos equideos, em 26 lições, nas quais tambem se tratará da cria cavalgar em Espanha e serviços de re-

monta, assim como na França, Alemanha, Russia, Austria-Ungria, Italia, Inglaterra e Estados Unidos.

—O terceiro livro é uma *Geografia de Marrocos*, sendo destinado á Academia de infantaria. Este livro, além das *generalidades* (situação, limites, superficie, raças, religião, lingua, politica, exercito, etc.), deverá tratar do relevo do solo e regime hidrografico; da intervenção europea; da zona de influencia espanhola; da região do Rife e da região de Yebala; e dando ainda uma idéa sumaria do territorio de Ifni e Sahara occidental.

—Um outro livro, digno de ser aqui memorado, é o que acaba de ser premiado pelo Ministerio da Guerra na pessoa do seu autor, o tenente coronel de infantaria D. Léon Fernández y Fernández, e intitulado — *Psicologia Militar*.

Nesta obra se propõe o seu autor estabelecer as teorias psicologicas indispensaveis para um oficial educar os soldados e saber atuar em suas almas como um verdadeiro chefe. Duma maneira proficiente desenvolve e demonstra a necessidade que todo o chefe tem de conhecer as faculdades psiquicas do homem e saber como se verifica o seu desenvolvimento moral.

Não é menos interessante a maneira como define e justifica a necessidade de conhecer a *psicologia militar*—que é a sciencia dos fenomenos da consciencia, originados pela luta dos sentimentos que se chocam—o do dever e o da idéa de morte, de sacrificio, de fadigas e trabalhos proprios do homem de guerra. É no sentimento de honra e de amor patrio, que o oficial deve desenvolver no soldado, que se conseguirá destruir neste o receio de morrer nos campos de batalha. É cultivando estes sentimentos, e não aterrorisando pela ameaça do castigo, que o soldado adquire a preparação do espirito para se preparar para a guerra e para resistir nos campos de batalha ao medo da morte. Com que linguagem simples, amena e convincente o autor trata dos fenomenos volitivos, pois é sobre a vontade do soldado que o oficial tem de atuar, moldando-a e dirigindo-a ao fim que tem em vista.

Não ha duvida que o livro, de que vimos tratando, merece um estudo refletido por parte de todos os que desejam ter as qualidades de comandar as multidões armadas, canalizando as suas energias, coordenando-as, de modo a ter um *exercito*, onde a disciplina brote como um sentimento natural, aper-

tando os laços de camaradagem; onde, olhos fitos na bandeira, simbolo da Patria, todos lutem com a mais ardente Fé pela Vitoria.

—Inutil será encarecer mais o notavel livro do nosso camarada do exercito espanhol, que tão magistralmente compreendeu o elevado encargo de educar e comandar as multidões armadas.

VIII — Concurso para condutores automobilistas

Para o curso deste ano, que se vai professar na *escola automobilista*, que, como já aqui temos dito, está a cargo da artilharia, são admitidos 20 alunos, cabos ou soldados, dos regimentos de artilharia, e que devem satisfazer ás seguintes condições: altura minima 1^m,65, robustez sufficiente, boa saude, vista normal, bom ouvido, boa conduta, saber ler e escrever, pertencer ao ultimo contingente encorporado, e ter o officio de mecanico automobilista ou ajustador mecanico.

A escola está estabelecida no campo de Carabanchel, onde se devem apresentar os concorrentes em 1 do proximo mês de outubro.

Além dos 20 candidatos, podem ainda seguir o curso os cabos e soldados de artilharia que já tenham o officio de condutores automobilistas e que desejem exercitar-se no manejo de autos de carga para transportes militares.

Todas as praças que seguem o curso tem uma gratificação especial.

IX — Penso individual de curativo

Foi declarado regulamentar o penso individual de curativo, de que são autores os medicos militares, D. Eugenio Fernandez Garrido e D. Saturnino Cambroner.

Este penso é constituído por um pequeno sacco de tela de algodão, que póde ser impermeabilizado, e tendo dentro uma caixa de folha envolvida em papel impermeavel. Esta caixa é formada de duas peças que se ajustam e teem nas duas tampas uns orificios que permitem, durante a sua permanencia na autoclave, a entrada do vapor dagua atravez os elementos de curativo nela contidos.

Estes elementos de curativo são constituídos por duas du-

plas compressas cosidas para que o algodão que conteem não se desprenda, e uma ligadura, da largura da caixa e com 4 metros de comprimento.

Os orificios por onde entra o vapor para a esterilisação são depois fechados com uma cinta de papel impermeavel, pegado á folha, e que assegura a immobildade das duas peças que formam a caixa, ainda que estas se ajustam com fricção suave.

Na pequena caixa vão tambem dois pinceis, uma ampola de tintura de iodo e outro com liquido adesivo, para quando não seja necessaria ou utilisavel a ligadura.

A caixa com o penso individual é acompanhada com as Instruções onde se explica a sua utilisação.

X — Escolas praticas de tiro de artilharia

Este ano os regimentos de artilharia realisam diversos exercicios de tiro.

Em cada regimento montado tem logar exercicios de tiro elementar em que tomam parte todas as baterias, sendo destinados 24 cartuchos por bateria.

Depois, em cada regimento, uma bateria realisa *tiro de rajadas*, consumindo 52 cartuchos, outra efectua *tiro progressivo*, consumindo 48 granadas; outra executa *tiro com uma alça*, para o que dispõe de 52 granadas; outra executa tiro contra alvo instantaneo, empregando 24 granadas; outra executa *tiro a demolir*, empregando 16 granadas ordinárias e 24 explosivas, e finalmente a 6.^a bateria executa o tiro com uma alça unica, mas comandada a distancia, para o que dispõe de 20 granadas.

Um dos regimentos de campanha da primeira região realisa diversas experiencias de tiro, consumida 64 granadas por peça.

A estas experiencias assistem o maior numero de officiais dos outros tres regimentos de artilharia da região.

— Nas unidades de artilharia de praça e sitio serão consumidas 10 granadas por peça, e empregando-se peças de 9^{cm}, 12^{cm} e 15^{cm}; obuzes de 15^{cm} e 21^{cm}; e morteiros de 9^{cm}, 15^{cm} e 21^{cm}.

Cada bateria realisa um exercicio elementar e outro de

instrução, dispondo nestes ultimos exercicios de 32 projecteis cada bateria.

Para a realização destes exercicios foram destinadas 155.000 pesetas, não se contando com as gratificações aos officiais e praças, nem com os transportes em caminho de ferro.

XI—Assuntos marroquinos

As operações em Marrocos tem sido prolongadas na zona de influencia de Espanha, não tendo ainda sido dominadas todas as kabilas da região, apesar das despesas feitas em dinheiro e em sangue.

É certo que os espanhois tem encontrado auxilio importante da parte de alguns chefes indigenas, mas pagos a peso de ouro.

Assim, nos primeiros cinco meses do presente ano, já as despesas se elevavam a 58,74 milhões de pesetas, pertencendo 55,76 ao ministerio da guerra.

Segundo a declaração do deputado Barcía, a Espanha tem gasto em Marrocos 1:023 milhões de pesetas, custando cada quilometro quadrado de territorio ocupado 28:740 pesetas!

Tendo sido previstas para as despesas extraordinarias 225:000 pesetas, estas se elevam já a 4.000:000. Só com as despesas secretas se gastaram em dois meses 800:000 pesetas.

Ao Raisuli tem dado os espanhois perto de 70:000 pesetas para ele pagar a *mehala*, que tem cooperado com as tropas espanholas na região de Anghera, onde ultimamente se deram alguns combates de séria importancia, mas cuja posse se tornava necessaria aos espanhois para assegurarem as communicações de Tetuão com Tanger, Arzilla e Larache.

A Espanha tem procurado cumprir as obrigações que lhe foram impostas pelo convenio hispano-francês de 27 de novembro de 1912, para ter toda a liberdade de acção, quando chegar o momento de se efectuar a paz, e se pretenda resolver o problema Marroquino, que deve vir ligado ao do Mediterraneo.

É tambem com esse fim que procura aumentar a sua potencia militar e se prepara para recorrer ás armas, se tanto fôr preciso, para se não deixar esbulhar dos seus direitos e ver preterida a sua influencia no Mediterraneo.

E' muito possivel que, ao tratar-se da paz, a Espanha se veja forçada á guerra.

—Para procurar atrair em Marrocos os indigenas, o governo espanhol decretou ha pouco a concessão de pensões ás familias daqueles indigenas que, tendo-se alistado ou cooperado com as tropas espanholas, hajam falecido em combate, ou em consequencia dos ferimentos recebidos, ou ainda no caso de terem sido assassinados pelos kabilanos.

Esta medida, vem facilitar o recrutamento de elementos indigenas e estimular a adesão dos naturais.

—Um outro decreto veio fixar e regular os abonos de tempo ás tropas que operam em Marrocos.

—A todas as tropas que ali tenham tomado parte em operações realizadas por destacamentos mixtos, desde 1 de novembro de 1912, e consideradas arriscadas, lhes é abonado o *dobro do tempo*. Aos que tenham tomado parte no serviço de comboios, defesa de posições, ou de acampamentos e reconhecimento, é-lhes abonado 50 $\frac{0}{0}$ do tempo.

E' abonado $\frac{1}{3}$ aos que façam parte das guarnições de Melilla, Ceuta, Larache, Peñon, Alhucemas e Chafarinas.

Estes aumentos de tempo só os podem requerer no fim de dois meses os que estiverem compreendidos no primeiro grupo; no fim de três meses, os dos segundo; e só no fim de dois anos os do terceiro.

XII— Concurso de explosivos e artificios iluminantes

Pelo ministerio da guerra foi aberto concurso entre os pirotecnicos civis e militares para o fabrico e fornecimento ao exercito, de artificios de iluminação e explosivos.

Os artificios de iluminação poderão ter a forma de foguetes e granadas de espingarda ou de bombas iluminantes lançadas com aparelhos especiais.

A iluminação deverá ter lugar no ar, antes do artificio chegar ao sólo.

O manejo do artificio deverá ser simples e facil e este de pequeno peso, podendo ser lançado mesmo na obscuridade. A duração da iluminação deverá ser a maxima possivel, e com grande superficie da zona iluminada, a qual não deverá ficar a menos de 200 ou 300 metros do atirador.

O artificio deve ser empregado mesmo em tempo de chuva e não deve sofrer alterações com os transportes ou com a acção dos agentes atmosfericos. Os artificios apresentados serão sujeitos a experiencias pela comissão de experiencias de artilharia. Se fôr adotado um unico artificio, o seu inventor receberá um premio de 15:000 pesetas; mas se forem adotados mais, cada inventor receberá o premio de 10;000 pesetas.

Estes premios serão considerados como direito de patente, que ficará pertencendo ao Estado.

XIII — O exercito espanhol segundo a opinião do general D. Leandro Cubillo

Numa conferencia pública, realizada no *Ateneo de Madrid*, recentemente, o general D. Leandro Cubillo, expoz a situação actual do exercito espanhol.

Pelo facto de ser proferida por um general num Centro de grande importancia e por ter sido publicada no *Memorial de Artilleria*, de junho ultimo, afigura-se-nos que as afirmações do illustre general, devem merecer todo o crédito e por isso sobre elas chamamos a atenção dos nossos leitores.

Ha ainda outro facto que deverá ser ponderado. E' não ter sido motivo de censura por parte do ministro da guerra, as declarações graves do conferente e não ter sido proibida a sua publicação.

Tudo isto são motivos que devem merecer a nossa reflexão e que dariam logar a observações de diversa ordem, se elas aqui se pudessem fazer. O leitor, porém, fa-las-á por certo.

Vamos, pois, ao assunto da conferencia.

Disse o general Cubillo, «que a mobilização do exercito espanhol, levaria quinze dias, e que ainda assim, o exercito mobilizado, teria pouco valor. As causas de um tal descalabro, — disse o conferente — são a falta de fardamento, de equipamento, de material de artilharia, de material sanitario e de material de intendencia; a falta de preparação das estações de caminho de ferro para facilitar o embarque e desembarque de tropas e material, e portanto em condições de poder facilitar os transportes de mobilização e concentração.

«A organização actual existe só no papel, e o exercito só

poderá servir para manter a ordem no interior do país, e para pouco mais.

«O excessivo numero de officiaes, absorvendo uma grande parte do orçamento, não permite dar á instrução o desenvolvimento necessario e indispensavel, para ter preparado um exercito para a guerra, unico fim que justifica a sua existencia.

«E' em vista deste estado de cousas que o conferente chama a atenção de todos os espanhoes para que obriguem os governos a organizar a força militar e naval, de modo que a potencia militar da nação lhe permita apoiar as suas aspirações internacionais. Sem que se valorisem as forças militares e navais a Espanha não pode entrar com vantagem numa aliança.

«Pelo censo de 1908, a Espanha tinha 19.712:505 habitantes, dos quais, 10.740:160 eram do sexo masculino.

«Ora se, como na França, destinassemos 15,65 % para a constituição do exercito, este teria um efectivo de 1.680:835 homens.

«Se porém, como os alemães, tomassemos só 10,15 %, esse efectivo seria de 1.090:126 homens.

«Em qualquer das hipóteses, seria um exercito de importancia.

«Mas, os recursos financeiros não permitindo ir tão longe, deveriamos ter, pelo menos, um exercito de 500:000 homens, e será este o efectivo minimo para que a aliança da Espanha possa ter importancia. Precisamos, pois, ter, afirmou o conferente, um exercito de 500:000 homens, mas com todos os elementos de combate, dotado de abundantes armas e munições.

«Ora, á Espanha, não lhe faltam recursos para obter o material necessario dentro do país. As suas fabricas produzem todo o material, e só não podem construir peças de calibre superior a 30^{cm},5.

«Podem, porém, fabricar peças de campanha e de montanha, obuzes e morteiros de grosso calibre, armas portateis, metralhadoras, armas brancas, munições, etc.

«O que nos falta então? Quem saiba governar, administrar e pôr o exercito em circunstancias de cumprir a sua missão».

— Como os nossos leitores acabam de vêr, as afirmações do general Cubillo, revestem uma certa gravidade, e tanto devem ter um certo character de verdade que, tanto o ex-ministro da guerra, o general Echague, como o actual, general Lu-

que, teem pretendido reorganizar o exercito em moldes modernos, e se fracassou o projecto do illustre ex-ministro, veremos se o actual ministro é mais feliz no projecto que acaba de ser elaborado pelo estado maior central, *com assentimento dos chefes politicos, a cuja apreciação o submeteu*. Isto, porém, já é um sintoma revelador de fraqueza. Quando os elementos politicos interveem nas organizações militares, os resultados são sempre aqueles que a Historia regista.

V. J. CESAR.

Os Dembos nos Anais de Angola e Congo

(1484-1912)

(Continuação de pag. 541)

O primeiro **dembo** dos Dembos

Em 1615, pelo governador Manuel Cerveira Pereira, é avas-
salado pela primeira vez o sóba-dembo Kakulo-Ka-Kahenda.

Quem é este Caculo-Caênda?

E' o primeiro dembo, dos Dembos, de que reza a historia.

Kakulo, em lingua kimbunda ou cacúlo em brasileiro significa aquele dos gemeos que nasce primeiro, assim como *kalabaça* (calabaça ou cabaça) significa, nos ditos termos o segundo gemeo do amor *Ka-Kahenda*, sendo o primeiro "ka" prefixo concordante (V. dic. Kimbundo e "Enciclopedia Portug. Ilustr.").

Caculo (ou kakulo) é o nome, entre outras, de uma povoação do Golungo Alto, na margem direita do Lucala; bem assim de outra do Duque de Bragança; e ainda o nome da séde do concelho de Ambaca; ignorando-se se tudo isto importou ou adoptou o nome de Caculo Cahenda.

Cáenda (Kahenda) é, entre outras, o nome de uma freguezta da mesma região de Ambaca.

Relacionando estes dois nomes ambaquistas, temos Caculo e Cáenda.

O titulo deste potentado nada tem porem de comum com isto, que pouco podia significar. Sucede entre nós, e muito mais entre os fiótes e kimbundos, cujo vocabulario é restritissimo, darem a povoações nomes iguais aos de outras proximas.

O que se presume é que a região entre o Dande e o Zenza

(mais tarde denominada Dembos) foi desde o vale do Sassa para o Levante patrimonio de um filho do rei do Congo, como os kakulos sustentam, repudiando toda e qualquer afinidade com as familias mais orientais (gingas).

Isto tem a sanção dos factos, pois que nos Dembos temos, a principio, sómente o *Kakulo-Ka-Kaenda* e mais tarde aparece o *Kakulo-Kalabaça* (no territorio dos gentios Mahungos e na margem direita do Lombige, cerca de sessenta quilometros a NE do Golungo Alto) e o *Kakulo-Káhuí*, nascendo, por seu turno de este, os chefes gentilicos Cavunga Cáhuí e Cavunga-Capacáça, sobre cujas terras, bem como sobre os Mahungos, o Caculo Cahenda arroga direito tradicional¹.

Na „Enciclopedia Portuguesa Ilustrada” vem a miniatura de um mapa de Angola em que só há o nome de dois dembos, nas situações respectivas: *Cahenda* e *Ambuila*, este o maior dembo a Norte do Dande e aquêlo o maior dembo a Sul do mesmo rio.

A abreviatura de Caculo Cahenda, tanto pode ser Caculo como Cahenda, com a diferença de aquêla, a mais vulgar, dar tambem origem a maior confusão, pois há outros „kakulos” parecendo não haver duvida de que tiveram uma origem comum.

Este „Cahenda” portanto parece-nos representar Caculo Cahenda de hoje: 1.º, pela posição relativa de Cahenda e de Ambuila na carta; 2.º, porque o orago de Caculo Cahenda é St.º Antonio (onde ainda hoje existem as ruinas de uma antiga ermida a que o gentio chama „Igreja”); e 3.º, porque o orago de Cahenda, povoação de Ambaca, é a Senhora da Conceição.

Divagando em busca da origem de Caculo Cahenda, talvez seja mais aceitavel o seguinte: O Kakulo Káhenda é filho do Congo. Existiu sempre um costume, que esta historia comprova, de o gentio dar ás terras o nome do chefe délas, assim como estes potentados, por sua vez, légam o mesmo titulo aos seus sucessores. Daquí a razão de a região de Kakulo Káhenda ser mais ou menos extensa.

O vulgo confunde o nome de uma região com a capital

¹ Condizem com isto o „Relatorio do Lombige”, impresso em 1910 e a „Etnografia dos Dembos”, 1912.

déla, de modo que ainda hoje gente instruída que por lá andou ignora que Caculo Cahenda não é uma povoação capital, mas sim uma região, cuja séde, é aqui ou ali, segundo as conveniências do governo gentílico. A uma séde chama o gentio invariavelmente «banza», que tanto pode estar em qualquer povoação denominada Kakulo, como em chamada Káhenda, como em St.^o Antonio, como em qualquer outro ponto, sendo provavel que o dembo de Kakulo Kahenda, fugindo á invasão dos gingas se deslocasse dos lados de Ambaca para o Ocidente, pois os dembos mudam as banzas segundo as razões da guerra¹. E' natural que assim seja, vista a quantidade de Káhendas (amores) e de Kakulos (filhos) que parece deixou atraz de si, assinalados nas povoações com estes nomes. Como suprêmo argumento, de acôrdo com isto há um officio² do dembo Caculo Cahenda, pelo qual se vê que os seus domínios se estendiam ao Bango Aquitambo, cuja Missão havia de exercer a sua acção religiosa sobre a região de Ambaca³.

Quando mais tarde se criar o distrito dos Dembos, veremos que «káhenda» há de ser o limite Leste, o que mais demonstra a passada larguêsa dos Dembos para o Oriente.

* * *

Reinava então el-rei D. Filipe II de Portugal ou III de Espanha, o qual por provisão de 14 de fevereiro de 1615 dividiu a jurisdição do reino dos Ambundes (Angola) em duas: a do reino de Benguela e a do de Angola.

D. Alvaro III, rei do Congo e dos Dembos, sem embargo das conquistas que com assentimento e auxilio seu os governadores de Angola iam fazendo para o Norte, logo nêste referido ano de 1615 começou em disputas com os seus vassallos, declarando guerra, em 1616, ao Muene-Bamba, D. João

¹ Mudaram-se em 1872 e em 1913. Sucêde ainda que este dembo esteve aliado na antiguidade ao Samba Caju, ou este tomou conta dos territorios abandonados por aquêle.

² Enviado o original ao Governo Geral com a nota n.^o 249 de 20-4-912 do Comando de Lombige.

³ V. ano de 1662.

da Silva, seu sogro, vindo só a conseguir-se a paz pela intervenção dos padres Duarte Vaz e Mateus Cardoso.

Em 11 de abril de 1617, pelo mesmo governador Manuel Cerveira Pereira foi iniciada a conquista de Benguela fundando-se a fortaleza de S. Filipe (nome de el-rei).

Em 1618, dois anos depois daquela luta, sucumbiu D. Alvaro III.

No mesmo ano, no tempo do governador Luiz Mendes de Vasconcelos, alcançámos vitoria sobre o rei de Matamba (Ginga).

Em 1619, derrota de Ginga Bandy.

Em 1620, nova expedição a Benguela; e vassalagem do rei Dongo (Angola), com tributo anual de cem escravos.

Em 1621, batismo da rainha Ginga, D. Ana de Sousa.

Em 1622, subiu ao trono do Congo, D. Pedro II.

Em 1623, perda do reino de Gola Bandy.

Em 1624, é proclamado D. Garcia, ano este em que o capitão português Roque de S. Miguel derrotou o jága de Casange.

Em 1625, foi aclamado rei do Congo D. Ambrozio I (Nemica-Canga), sendo neste ano transferida a Sé, de S. Salvador para S. Paulo de Loanda; e instituição das feiras do Dondo, Beja e Locamba.

De 1626-1627, governando o bispo D. Fr. Simão Mascarenhas, fortifica-se a cidade de Loanda, contra as invasões marítimas dos holandeses.

Em 1627, governando Fernam de Sousa, ganha-se a memoravel batalha contra a falsaria rainha da Ginga (Matamba).

Em 1628, batisam-se as infantas de Matamba (Ginga).

Em 1629, organisa-se o sistema de administração da fazenda real nos presidios.

O 1.º Dembo do Norte

Em 1631, sóbe ao trono do Congo, D. Alvaro IV. *Neste mesmo ano, pelo governador D. Manoel Pereira Coutinho foi submetido o dembo Ambuila-Andua, que tambem vivia em matos impenetraveis.*

Em 1636, faz-se a paz com a Ginga. No mesmo ano, o governador D. Francisco de Vasconcelos e Cunha mandou

construir no referido Môrro de S. Paulo (Loanda) o forte de S. Miguel, para nos defendermos dos holandeses, com os quais vinhamos sustentando combates navais, não nos largando a costa, construção por modo a montar oitenta canhões.

Em 1637, já quando os conquistadores portugueses avançavam pela região dos Dembos dentro, importando-se menos com o rei do Congo, iniciou-se o reinado do feroz D. Alvaro V (Nenemi-Aluqueni-Luazonza) precepitando-o as guerras intestinas no tumulto na flôr da idade.

Principiaram as questões por suspeitas mal fundadas sobre o Duque de Bamba e o Marquez de Chioma, contra os quais ele levantou um exercito. Não foi a guerra favoravel ao rei e desbaratadas as suas forças caiu prisioneiro em poder deles que foram generosos ao ponto de o reconduzirem á capital de que lhe fizeram entrega. Não obstante D. Alvaro, marchou de novo contra os seus vencedores, ficando desta vez morto.

Em 1638, é reedificada a fortaleza de Ambaca.

No Congo, as lutas politico-gentilicas continuavam. Enquanto os portugueses faziam conquistas e se fortificavam, neste mesmo ano era o Mani-Bamba proclamado rei com o nome de D. Alvaro VI (Nepanzo-Amabanda), depois morto por seu irmão, o Marquez de Chiona, que se fez aclamar com o titulo de D. Garcia II (N'canga-Aluqueni) o qual, a principio mostrou «capacidade, justiça e religião» mas depois a ambição de fazer coroar seu filho primogenito D. Afonso, sem eleição, fê-lo tratar de exterminar os principes da familia real, acabando por se virar para os feiticeiros, por os padres catholicos lhe reprovarem o procedimento selvagem.

Este mesmo D. Garcia, convida os holandeses a invadirem o Congo contra os portugueses. Daqui data o declinar rapido da riqueza e do esplendor do Congo.

A preocupação dos portugueses era agora os holandeses, até que governando, Pedro Cesar de Menezes (1639-1645) aqueles aproveitando-se da nossa crise nacional determinada pelo dominio filipino, mais por isso do que pela deficiência de forças para colonisarmos simultaneamente o Brazil, em 24 de agosto de 1641, lograram dominar em Angola, onde enviaram uma armada de vinte naus, sob o comando do general Toló, que ocupou S. Paulo, em 25. A' vista desta grande frota foi geral o panico e o governo, portanto, em 24, abandonou

a cidade e transferiu-se para o Bengo e finalmente para Mas-sangano.

Não obstante os holandeses conquistarem os fortes do litoral, os portugueses ficaram no país sustentando a tradição da antiga suzerania do «muata-Puto» ou antes do «Muene-Puto», *o rei do mar* como eles chamavam ao rei de Portugal¹.

Alguns sobas importantes se aliaram com os holandeses, principalmente a falsaria Rainha da Ginga, D. Ana de Sousa, fazendo-nos um e outro bastantes danos.

Em 1642, depois da tomada de S. Paulo de Loanda por Cornelius Cornelison Jol Houtebeen, os holandeses enviaram uma embaixada ao rei do Congo que este recebeu, fazendo ver o fausto e magnificencia da sua côrte.

Em 1645, chegam ao Congo os primeiros capuchinhos italianos com bulas de Urbano VIII. No mesmo ano foi batido o Libolo, por Diogo Gomes de Morales, e bem assim o Bailundo. Ainda no mesmo ano os holandeses tomam-nos Benguela.

Em 1646, os holandeses cercam Muxima. O governador Francisco de Souto Maior alcança vitoria sobre eles.

De 1646-1648, as nossas conquistas são governadas por Bartolomeu Vasconcelos da Cunha, por Antonio Teixeira de Mendonça e por João Zuzarte de Andrade, capitães-móres eleitos pelo povo.

Em 1647 vão para o Congo mais catorze frades capuchinhos italianos.

Expulsão dos holandeses

Em 1648, o general Salvador Correia de Sá Benevides, que partira de Portugal com uma esquadra para limpar as costas da America do Sul, aportando ao Brazil, trava luta, e, batendo os holandeses no Recife e logo na Bahia, volta-se para o Oriente, incumbido já pelo novo monarca português D. João IV de erigir uma fortaleza na feitoria e porto de Quicombo, se não podesse tomar posse de S. Paulo de Loanda.

Foi a 12 de março do dito ano de 1648 que Salvador Correia com quinze navios, quatro dos quais adquiridos e equipados á sua propria custa, guarnecidos todos com cerca de

¹ H. H. Johnston, «The River Congo».

novecentos homens, soltou vela do Rio de Janeiro e, com os mastros empavesados veio fazer aos holandeses o que estes já nos tinham feito: surpreender e combater, quebrando a paz ajustada.

Chegado a Quicombo, reuniu o conselho de oficiais e explicando-lhes a necessidade de livrar a vila e sertão de Mas-sangano das mãos dos inimigos, convidou-os a que o acompanhassem na empreza.

Sendo indubitavelmente S. Paulo de Loanda, chave da conquista, para ali se dirigiu a esquadra, e em 12 de agosto surgiu no seu porto.

Não se demorou Salvador Correia com planos e delongas, e enviando um oficial a terra, intimou a guarnição do «Forte Amstardam» (hoje Fortaleza de S. Miguel), a que se rendesse, concedendo-lhe dois dias para responder.

Ao fim de quarenta e oito horas, como os holandeses não dessem resposta, o navio chefe disparou um tiro e toda a força disponível da esquadra desembarcou na praia de Loanda, no lugar do Penedo.

Ao principio quizeram os indigenas opôr resistencia, mas vendo o numero dos nossos fugiram aterrados, ao passo que Salvador Correia, rompendo fogo vivo de artilharia, dava no dia 15, assalto geral á fortaleza.

Abandonados pelos naturais, os holandeses recearam-se e na tarde desse dia propozeram a capitulação, que foi imediatamente aceita.

Diz a lenda que o general Salvador Correia, quando fez desembarcar as guarnições dos navios, colocou a bordo figuras que de longe parecessem forças de reserva.

Entregando assim as armas, saíram do Forte «Amstardam ou Holanda» mil e quatrocentos prisioneiros, dos quais trezentos pertenciam á rainha da Ginga, sendo todos embarcados sem demora para Lisboa em três navios.

Segundo outra versão, os prisioneiros eram mil e cem, com outros tantos indigenas, ficando presos a bordo.

Em recordação de tão memoravel dia, da Senhora de Assumpção, cuja data é das mais felizes da historia portugûesa, ficou a cidade de S. Paulo de Loanda com o nome oficial de S. Paulo de Assunção suprimindo-se «Loanda», por se parecer no som com «Holanda».

Salvador Correia, restaurada esta povoação, sete anos depois de conquistada pelos neerlandeses recebeu os embaixadores do rei do Congo, que vieram a Loanda pedir a paz e amizade, fazendo-nos varias doações, entre elas a da ilha de Loanda e tambem deu «se é que podia dar, por serem dembos» os sobas *Naboangongo, Ambuila, Muêne-Mutêmo-Aquigengo*.

Em 1650, construem-se as galés de Massangano.

Em 1651, os capuchinhos italianos do Congo passam para Angola e começam a missão de Cahenda, e o hospicio para eles na ermida de Santo Antonio, reedificada á custa do governador.

Dizem os «Anais das Guerras Angolanas» que em Loanda passou a haver o «Forte de St.^o Antonio» e o «Forte de Nossa Senhora da Guia».

Salvador Correia, sendo avisado de que o «soba *Ambuila Dembo*» senhor de muitos sobas seus vassallos havia maltratado os «pombeiros» (angariadores de escravos) e europeus que transitavam pelas suas terras, mandou-o castigar, sendo para este fim «eleito» Antonio Teixeira de Mendonça, capitão-mór da vila de Victoria e de Massangano, o qual reunindo tropas desta vila, das fortalezas de Cambambe e de Muxima, seguiu para a fortaleza de Ambaca, atravessando os rios Zenza, Lisva e Dande, terras e senhorio do soba Cavanga (Cauanda) onde havia sido derrotado o Quilombo da rainha da Ginga, D. Ana de Sousa.

Ao encontro daquele official vieram todos os «Sobas Dembos» prestar vassalagem, incluindo os dois dembos Dumbi-Anganga e Quitexi Cambundi, que disseram ser o primeiro branco que atravessou as terras deles.

O itinerario seguido por este capitão seria Malenga, Cahenda, Tala, N'Sage, N'Vunzo e Ambuila, isto é um caminho a Leste dos Mahungos, segundo a direcção Ambaca-Encoge.

Depois de castigado o Ambuila, retirou-se a coluna, deixando pesarosos aqueles dois referidos «Sobas Dembos», que nos auxiliaram contra o Ambuila.

Salvador Correia necessitou mais tarde de mandar castigar os Dembos pelo capitão-mór João Gutêres de Moraes tendo por sargento-mór ¹ Blas de Espinhósa Nabarrete, os quais par-

¹ Em 1569 foram por D. Sebastião decretadas as ordenanças e criados

tiram de Ambaca e conseguiram degolar o rebelde principal, soba Mangombe, do lado N. do rio Dande e varios «fidalgos» (dembos), ficando um fortim na margem direita.

No tempo de Salvador Correia conquistaram ainda os portugueses a Quissama (Massangano, Dondo, etc.) sofrendo aí um desastre; as provincias do Libolo e Sumbis. O 1.º capitão-mór de Cambambe, foi Paio de Araujo de Azevedo.

II

Districto dos Dembos

Ambuida e Caculo Cahenda

Em 1658, succede em Angola o governador, André Vidal de Negreiros, heroi de Pernambuco.

No mesmo ano sucedem as guerras do Golungo Alto, sendo avassalado o N'Gola Angimbo, regulo da provincia de Quimbundos (hoje soba visinho do que se diz Dembo N'Gonguembo, nas margens do Zenza).

Reinava D. Garcia II, rei do Congo. Varias intrigas politicas levaram-no a fazer coroar seu filho segundo, D. Antonio I (Nerita-on-Canga) que succedeu a seu pai neste dito ano de 1658.

O primeiro acto deste rei foi, parece que por recommendação paterna matar sucessivamente seus irmãos e todos os principes de sangue real que pode apanhar, ainda mesmo os fugidos nas partes de Angola, não obstante os conselhos dos missionarios. Censurado igualmente por um casamento

os capitães môres, a quem competia o arrolamento de toda a população masculina.

Ha meio seculo, capitão-mór era cargo equiparado a tenente coronel (quando sargento-mór era a major, chefe do estado maior ou ajudante). Mantendo-se esta pomposa nomenclatura, em 1913 denominam-se cap.-môres os officiaes desde alferes, que a seu pedido ou por nomeação governam uma divisão administrativa dentro de um distrito, das que carecem da acção militar.

Este titulo não lhes dá honra nem comando dos mais antigos, pois é o simples comandante da região.

Interinamente, mesmo sargentos, teem exercido o cargo de capitão-mór.

incestuoso, tão indignado ficou que retirou todos os bens ao clero e declarou guerra á religião e aos portuguezes.

Em 1660 os moradores de Loanda são declarados isentos de guerras do mato.

Em 1661, os portuguezes reedificam a fortaleza de S. Filipe de Benguela. O primeiro conquistador de Benguela foi Lobo Soares Laso.

Em 1662, estabeleceu-se em Bango Aquitambo uma missão religiosa de carmelitas descalços, que se tornou a séde das missões jesuíticas que se estabeleceram em Ambaca.

Neste mesmo ano, funda-se o presidio de Caconda (a Velha), para assegurarmos o commercio do sertão.

Ainda neste dito ano, a D. Antonio do Congo, soberano virtual dos Dembos, succede D. Alvaro VII, o qual incitado pelos feiticeiros, em 1663, começou o pregar a guerra aos portuguezes.

Neste tempo era ainda tal o poder absoluto que o rei do Congo exercia sobre os povos visinhos que, ao menor sinal, numerosas ordas se punham em campo. Os «n'gangas» (sacerdotes feitiches) lhe haviam predito a entrada triunfal em Loanda, conduzido pelos principaes senhores portuguezes.

Em dezembro de 1665, D. Antonio estonteado com semelhantes fantasias, invadiu os nossos dominios de Angola com cem mil homens. Carli e outros viajantes contam que o rei se poz á testa de novecentos mil, cifra que comquanto duvidosa nos dá uma ideia.

Governava então Angola, o referido André Vidal de Negreiros, que enviou ao encontro daquelle furacão gentílico, Luiz Lopes de Sequeira com duas peças de campanha, quatrocentos espingardeiros portuguezes e seis mil empacaceiros (caçadores de pacaças ou indigenas frécheiros), comandados por Manoel Rebelo de Brito, Diogo Rodrigues de Sá e Simão de Matos.

No dia primeiro de janeiro de 1666, quando os beligerantes se avistaram nas terras do dembo Ambuila (proximo do moderno Bembe) o cauteloso D. Antonio retirou-se para uma eminencia, afim de observar a acção.

Travou-se a luta, na qual empenhando-se seriamente os portuguezes, ao fim de poucas horas desbarataram as forças do rei negro, caíndo Luiz Lopes de Sequeira com a sua co-

luna sobre o observatorio de D. Antonio, sendo morto este rei, seu filho D. Alvaro e outros personagens, servindo a cabeça do primeiro de trofeu de victoria até Loanda e afirmando os congueses que tinham visto entre os portuguezes, distribuindo-lhes polvora, uma senhora muito bonita, lenda que hoje se comemóra nos azulejos da ermida da Senhora de Nazareth, mandada erigir na praia de Loanda pelo referido governador Negreiros. Carli, diz mais que Sequeira lhe afirmara que todas as guarnições das armas e aderços do rei morto eram de puro oiro batido.

Por efeito deste notavel acontecimento da nossa historia colonial, sucedido na região dos Dembos do Norte, foi proclamado rei do Congo D. Alvaro VIII, o qual fazendo as pazes com o governador de Angola consentiu que se procedesse á exploração das supostas minas de oiro do Congo.

Depois deste rei, Meróla, fala de D. João Simão Tamba e de D. Sebastião Grilho, até que, em 1671, o já famoso Luiz Lopes de Sequeira aniquila o poder do ultimo rei dos Dongos, D. João Hary, na batalha das partes de Ambaca.

O primeiro capitão mór de Ambaca e Pungo Andongo (Pedras de Mapungo) e governador da fortaleza foi Luiz Ferreira de Macedo.

Em 1672, sucedem novas guerras na Quissama, nomeando o governador Luiz Martins de Sousa Chicorro, para submeter esta região, o capitão-mór, Vicente Pegado da Ponte.

Em 1673, o governador Francisco de Tavora manda reedificar, em pedra, vinda das margens do Dande, o forte de S. Miguel, então de terra e argamassa, passando a denominar-se fortaleza, a qual foi construida pelo sistema de Vauban com a fórmula de poligono irregular.

Neste mesmo ano, os portuguezes alcançam uma grande vitoria no Bailundo.

*

* * *

Durante o governo de Aires de Saldanha de Menezes e Souza (1676) foi Manoel Afonso de Tibas nomeado capitão-mór do *districto do Golungo*, o qual compreendia o *districto do Dande e as provincias de Ilamba e Lumbo*, em que havia alguns setenta senhorios e sobas vassálos, conforme se vê no

cap. II, parte IV, tomo 2.^o das *«Historia General das Guerras Angolanas» a saber: Ambuilla, Mutêmo, Aquingembo, Namboa Angongo, Gombe Amuquiana, Calumbo Cam-Gimbo, Caculo Ka-kahenda Quitexi-Camdambi, Cauanda Grande, Cauanda-Pequeno, Capele, Dambi Angonga, Puri-Amuginga e outros dembos, sendo então o Ambuilla o «fidalgo» mais poderoso e que tinha o titulo de Duque.*

O Samba Caju, Malemba e outros dembos eram aliados do Caculo Cáhenda.

Em 1677, dão-se novas guerras no Libôlo.

Em 1680, os portuguezes conquistam o condado do Sonho, e logo o Mani, despeitado, escreveu ao nuncio de Bruxelas para lhe mandar outros missionarios em substituição dos capuchinhos de Italia, facto a que não acedeu, enviando-lhe trez franciscanos sob a condição de continuar a obdecer ao superior dos capuchinhos, padre Tomáz de Sistula.

Em 4 de setembro de 1681, o famoso Luiz Lopes de Sequeira, derrota tambem, D. Francisco Guterres Ginga, eleito rei de Matamba. O nosso exercito compreendia seiscentos portuguezes e dez mil empacaceiros, morrendo nesta batalha este nosso herói Sequeira e o dito rei ¹.

O Congo contava já, no tempo de Meróla, dezoito egrejas, só no Sonho, e Dapper diz que o mesmo país possuía muitas escolas em que os naturais aprendiam a religião cristã, a ler e a escrever o portuguez, chegando muitos pretos a ser sacerdotes e religiosos.

Em S. Salvador, além da Sé ou Vera Cruz, templo vastissimo e tumulo dos reis do Congo, existiram as egrejas de S. Miguel, de N. S. da Conceição, de N. S. do Rosario, de S. João Baptista, de S. José e do Espirito Santo, e o grande convento dos padres da Companhia, alguns edificios solidamente construidos e com perfeição de modo a atestarem passados seculos, por si ou pelas suas ruinas², o esforço religioso e colonizador que ali despenderam os nossos venerandos antepassados.

Isto não se limitava só áqueles pontos, pois em 1684, no tempo do governador Luiz Lobo da Silva, fundou-se em Loanda um seminario para a educação de indigenas.

¹ Estatística cit., de Lopes de Lima.

² V. gravura em *«O Ocidente»*, 1882.

Em 1682, o missionario Merolla, explora o curso do Zaire (como outros o tinham explorado anteriormente, entre êles, Filipo Pigaffeta em 1571 e Duarte Lopes em 1578).

--Em 1684, o gentio toma e arraza o presidio de Caconda-a-Velha. No mesmo ano, o referido governador Lobo, mandou construir um pequeno forte de seis bôcas de fogo, junto do Penedo de Loanda, por onde desembacou Salvador Correia.

Em 1686, os quissamas cercam o presidio de Muxima.

Em 1687, este governador mandou transformar em fortaleza de pedra, segundo o sistema de Vauban, o forte do Penedo, dando-lhe o titulo do santo do seu nome (S. Francisco).

Em 1689, é concluida a fortaleza de S. Miguel, por D. João de Lencastre (tendo sido mandada construir como se disse em 1638 e reedificar em 1673).

—Em vista dos ultimos acontecimentos do Congo e da extinção da dinastia reinante, não sendo geralmente aceite D. Pedro (III) Agua Rosada, el-rei de Portugal, D. Pedro II, procura dar áquele Estado governo autonomo, ordenando a Pedro de Lencastre, governador de Angola, por cartas de 17 de março de 1690 e de 29 de abril de 1691, que se procedesse á eleição do novo rei.

*

* * *

Neste mesmo ano de 1691 o dembo Ambuila, revoltou-se.

Em 1692, o nosso exercito comandado pelo valente Pascoal Rodrigues acomete e derrota completamente o exercito dêste Ambuila e destrue-lhe o banza, com grande matança e despojo. João Baptista da Maia, no mesmo ano, prosegue no exterminio dos dembos ou na extinção dos dembados de Quibuca e Cabonda, aliados do Ambuila.

Em 1693, foram dadas ordens para que jámais se passassem a cutêlo os prisioneiros, como se fez nesta guerra.

Antes ou depois de isto (não conseguimos averiguar) revoltou-se o dembo Namboa Angongo, que se apresentava com mais de cinquenta mil homens. Foi nomeado capitão-mór para esta empreza, Diogo Gomes Morales, exercendo o posto de sargento-mór Luiz Ferreira de Macedo.

Em 24 de janeiro deste referido ano de 1693, mais uma

vez o governo de Lisboa ordenou se procedesse á eleição do rei do Congo.

Por esta epoca, um fidalgo chamado Xequê, parente do soba Dembo Mutêmo-Aquingengo (hoje Dembo Quiguengo) veio pedir auxilio contra o soba Caculo Cangengo.

O nosso exercito saíu de Canzéle, do outro lado do Zenza, e foi passar o Dande, Lifuxe (Lifune) e o Onzo batendo o Namboa-Angongo no outeiro Molundo. Seguidamente o nosso exercito, para atender o Xequê foi procurar o Caculo.

O governador mandou castigar o Dembo Mutêmo-Aquingengo (ou Quinquengo, vulgarmente Mutêmo), por haver delinquido, quando foi do successo da batalha do rei do Congo, castigo que foi dado pelo capitão-mór, Antonio da Silva.

—Em 1695, teve logar nova guerra com os quissamas, sendo castigados pelo capitão-mór, Miguel de Magalhães Leitão.

Em 1696, sendo governador Henrique Jácques de Magalhães, construiu-se na ilha de Loanda um forte que depois o mar absorveu.

Em 1697, fundou-se um armazem, á prova de bomba, na fortaleza de S. Miguel.

Em 1699, abriu-se uma aula de fortificação, em Loanda.

Em 1700, por carta regia de 5 de março depois de tudo preparado, mandou-se reunir uma comissão composta dos vultos principais congueses, como o conde do Sonho, o duque de Bamba e o marquez de Pemba para que, coadjuvados por Fr. Francisco de Pavia, superior da missão dos capuchinhos, procedesse á eleição do rei do Congo. Foi indigitado e eleito D. Pedro Agua Rosada (o primeiro da ultima dinastia), que em 1702 recebeu a confirmação do governo de Portugal, coroando-o o governador de Angola.

Em 1703, o governador Bernardo de Tavora Souza Tavares manda contruir a bateria de S. Pedro do Morro da Cassadama á entrada da barra de Loanda, sendo este mesmo governador que mandou uma expedição á Dambi, em socôrro do rei do Congo, (Supomos tratar-se do Dembo Dambi Angonga e do seu visinho Quitexi, adiante notados).

Durante este mesmo governo saíram para a Missão do Gentio o padre Manoel Ribeiro e o «irmão» Francisco Correia, religiosos da Companhia de Jesus, indo para a parte dos rios

Zenza e Dande (Dembos) onde habitavam «Sobas Fidalgos» chamados «Dembos», cujos principais já referimos.

Por esta época fala-se muito nas terras de *Quiambóle*, na margem sul do Dande, pertencente ao «fidalgo Caculo Cahenda».

No Congo continuam os capuchinhos a cruzada dos seus predecessôres, chegando mesmo os seus trabalhos para o sul a fundar em 1703 um hospício em Loanda.

Em breve porem começou a afrouxar o trabalho dos missionarios por muitas razões, entre os quais figura a extraordinaria mortalidade entre os padres que, pela bandeira das Cinco Chagas, ou pela Patria, se sacrificavam por esses sertões inteiramente virgens de qualquer dos confortos modernos.

—Neste mesmo ano de 1703, são criados em Angola os logares de «mestre de campo», «tenente do mestre de campo», «ajudante do tenente. . .» e «sargento-mór de infantaria», além dos cargos de «Governador e capitão-mor do novo Reino de Sibaste. . .» não confundível com «capitão-mor da região de. . .» e de «sargento-mór», que já existiam, este com as funções de major, chefe do estado maior ou ajudante.

Em 1704, os corsarios francezes destruíram a fortaleza de S. Filipe de Benguela, reedificada em 1710.

Em 1711, a historia regista novas guerras na Quissama.

Em 1712, fortificou-se a cidade de Loanda contra a esquadra de Du Guet Tronín, se ela voltasse do Rio de Janeiro por aqui.

Em 1716, estes quissamas cercaram o presidio de Muxima.

Em 1718, os portuguezes alcançaram vitória completa sobre todos os sobas conjurados.

Em 1726, construiu-se novo forte na ilha de Loanda.

Em 1732, construiu-se outro forte em Loanda, bem como um quartel de cavalaria.

Em 1733, mais guerras na Quissama e guerras dos Séles em que ficamos vitoriosos.

—De este tempo, por documentos¹ em poder do Dembo Caculo Cahenda verificamos que entre este potentado fidalgo e os portuguezes existiam apreciaveis relações, porquanto Ro-

¹ V. Volume enviado ao Quartel General com a nota n.º 534 de 30-9-912 do Comando do Lombige, transcritos no livro de Ordens de 1912:

drigo Cezar de Menezes, Sargento-Mór de Batalha¹ dos exercito de Sua Magestade Fidelissima El-rei de Portugal, governador e capitão general do reino de Angola e das suas conquistas, em 15 de outubro de 1737, conferiu ao mesmo Caculo Cahenda carta patente de posse das suas terras, ordenando-lhe na mesma que os seus povos o reconhecessem e lhe obdessem.

Em 1744-1745, marchou contra a Ginga (com cujos soberanos sustentamos guerras de conquista desde 1590), Bartolomeu Duarte de Sequeira, obrigando o gentio a ceder.

Em 1745, tomamos as ilhas do Quanza.

Em 1746, mais guerras na Quissana.

Em 1752, criação dos regimentos de milicias, pelo governador Conde do Lavradio.

Em 1754, D. Antonio Alvares da Cunha manda explorar as minas de ouro e de cristal do rio Lombige (nos Dembos).

Em 1756, governando este citado cidadão, concluiu-se a fortaleza de S. Pedro do Morro de Cassadama (barra de Loanda). Bateria superior dez peças, inferior oito com dois baluartes, cada um com nove peças para defeza de terra.

Em 1757, quizeram construir uma fortaleza á entrada da barra de Benguela, resultando ficar aí um baixio de pedra.

Em 1758, canalisa-se a agua do Bengo (Lombige-Zenza-Dembos) para Loanda.

Em 1759, fundou-se o presidio de S. José, na celebre pedra de Encoge.

Em 1760 guerra no Libolo, e no sertão de Benguela.

Em 1761, proíbe-se a exploração das minas de ouro e de cristal do Lombige.

Em 1765, em 1 de fevereiro, igualmente o governador D. Francisco Inocencio de Sousa Coutinho, conferiu ao referido dembo *patente relativa ás suas terras de Caculo Cahenda e Quiambóle (estas nas margens do Dande)*.

(Continúa).

¹ Por decreto de 5-4-1762 este cargo passou a denominar-se „Marechal de Campo”, Sargento-Mór ou Major (Regul. 1763).

Os caminhos de ferro e a guerra europeia

Ha pontos de vista na organização dos caminhos de ferro alemães, para que convem chamar a atenção, pois demonstram o proposito decidido dos referidos caminhos de ferro estarem preparados para a guerra, emquanto que, segundo as palavras de Sir James Yoxell, uns meses antes da ruptura das hostilidades «crescia em abundancia a herva nos escassos caminhos de ferro estrategicos franceses». O mesmo escritor proporcionou algumas noticias interessantissimas, tal como a relativa á que os alemães estiveram construindo caminhos de ferro atravez da provincia vulcanica de Eifel, precisamente na zona fronteiriça. Ha dez anos o caminho de ferro era de uma unica via, e ao declarar-se a guerra o seu traçado tinha-se rectificado: estava construida a via tinham-se dupla e todas as suas fortes rampas reduzidas; em determinadas secções, haviam triplicado e quadruplicado a via e construido cais, de enormes dimensões, para as necessidades do comercio e trafico civis da povoação.

Estes cais estabeleceram-se nas imediações da via, em sitios amplos e planos, e proximo das estações situadas, por sua vez, em explanadas com largõ e plano terreno nos seus arredores.

Em Gerolstein, lugar de 1.200 habitantes, estabeleceram cais capazes para o trafico duma grande cidade.

Merecem observar-se como traços caracteristicos dos caminhos de ferro alemães: que possuem muito poucas rampas de inclinação maxima e que em muitas das suas linhas principais não existe um unico tunel; que os traçados foram escolhidos para que, linhas que apresentam tão poucos obstaculos naturais, reunam as maiores vantagens, emquanto que os caminhos de ferro estiverem em poder da Alemanha.

No caso duma invasão, que uma potencia militar como a Alemanha, provavelmente nunca teve em atenção, ao estabele-

cer a sua rede ferroviaria; é claro que seria muito difficil para os exercitos alemães em retirada inutilisar os seus caminhos de ferro, até ao ponto de impedir a sua utilização a um exercito invasor, embora por praso de tempo muito curto.

Ha a consignar igualmente que, mesmo em tempo de paz, os caminhos de ferro alemães exploravam-se militarmente. Ao mobilizar-se o exercito passaram a depender das autoridades militares, ficando affectos á secção de caminhos de ferro do Estado maior central.

As leis respeitantes aos caminhos de ferro alemães teem sido realmente complicadas mas o governo imperial tem possuido sempre faculdades que podem classificar-se de arbitrarrias no que affecta á sua construção e respeita ás linhas militares, não havendo sido anomalo o que se tem construido opondo-se á vontade dos habitantes da zona que atravessam. Tão completa é a organização alemã, no que se refere a caminhos de ferro, que antes da guerra dispunha de projectos de regulamentos para a exploração dos caminhos de ferro em zonas estrangeiras que podesse ocupar o exercito alemão.

A rede francesa, embora não tivesse sido construida com fim estrategico, estava admiravelmente adaptada para o rapido transporte de tropas e material de guerra. As linhas paralelas á fronteira de leste, desde Boulogne, por Amiens, Terquier, Laon, Reims e Verdun, dominam a fronteira alemã, e isto ao mesmo tempo que por Cambrai e Mons a Bruxellas, permitem que as tropas possam transportar-se á fronteira belga.

Estes caminhos de ferro eram, todavia, vias comerciais e não estrategicas, na acepção usual da palavra. Comtudo a fronteira possuia uma rede de caminhos de ferro, cuja unica missão era a dos transportes militares. Em tempo de paz os caminhos de ferro franceses dependiam do Ministerio das Obras publicas, mas, como sucedeu na Grã Bretanha, ao estalar a guerra o Estado apoderou-se deles.

E' interessante dar conta, com alguns pormenores, como foram organizados os caminhos de ferro franceses durante a guerra. Todas as linhas embora em tempo de paz, eram exploradas com a condição de que se o Governo necessitasse de transportar tropas ou material para qualquer ponto, as companhias deviam imediatamente pôr todos os elementos que possuíssem á disposição do Estado.

Como consequencia da condição citada, em vigor ha 40 anos, existia uma condição militar permanente, a fim de preparar os caminhos de ferro para a sua utilização na guerra. Segundo uma explicação deste sistema, publicada no *Journal des Transports*, cada grande empresa ferroviaria tinha affecta uma ou duas comissões chamadas «comissões de linha», constituídas por um vogal tecnico, geralmente o gerente da empresa, e um militar que podia ser um oficial superior de Estado maior designado pelo Ministro da Guerra.

A missão destas comissões era estudar em todos os seus aspectos, e sob o ponto de vista strategico, como podia ser utilizada a via ferrea. Alem destas comissões de linha, foi creada uma comissão principal militar de caminhos de ferro em 1898. Desta comissão, presidida pelo chefe do estado maior central, faziam parte 6 militares de alta categoria, 3 representantes do Ministerio das Obras Publicas e pessoal dos conselhos de administração das diferentes empresas. As funções desta comissão principal eram essencialmente consultivas, mas decidia em todas as questões relacionadas com os transportes militares, e conformava-se ou não com as resoluções tomadas pelas comissões de linha.

Pozêram-se em vigor, ao declarar-se a guerra, regulamentos especiais para os empregados ferroviarios. Estes regulamentos estabeleciam que um empregado ferroviario, ao ser chamado á fileira, era mobilizado como empregado de caminhos de ferro, e o funcionamento de tal sistema foi ensaiado com exito por ocasião da greve de 1910, em que os grevistas foram chamados ás fileiras depois de ser declarado o estado de guerra.

Na guerra actual, no primeiro dia de mobilização foi feita requisição ás empresas para que pozessem á disposição das autoridades militares todos os seus elementos de transporte na totalidade das suas redes respectivas ou em certas e determinadas linhas. Os caminhos de ferro franceses estiveram durante a mobilização divididos em duas zonas, que não obstante serem dirigidas por diferentes autoridades, ficaram ambas sob a inspecção militar. A zona de guerra dependia do comando em chefe do exercito em campanha, a cujo quartel general estava affecto um oficial, cuja missão era a de director dos caminhos de ferro da sua zona. Esta foi dividida em sec-

ções, por linhas que se achavam dentro ou nos arredores da esfera das operações militares.

Dentro da zona de campanha fazia-se a exploração com elementos militares, enquanto que nas secções de linhas, fóra da dita zona, eram exploradas as linhas por pessoal das empresas, chamado ás fileiras com este objectivo e affecto ao exercito territorial.

A segunda zona dos caminhos de ferro, denominada zona do interior, era dirigida pelo Ministro da guerra, o qual conferiu á comissão de linha de cada empresa faculdades executivas, assumindo cada um dos dois membros que as constituem a responsabilidade correspondente, competindo ao militar as funções militares, e ao civil o que respeitava ao movimento e mais assuntos de indole tecnica.

Embora fôsse dada a preferencia ao transporte de tropas e material de guerra, era auctorizado o transporte de viveres e o trafico comercial. Dentro da zona de campanha, foi o trafico ordinario completamente suspenso, pois só podia fazer-se com auctorização especial do general em chefe do exercito em campanha. Na zona do interior, o movimento de passageiros ordinario e o trafico comercial efectuavam-se conforme as instruções ditadas pelo Ministro da guerra, que tinha a faculdade, uma vez concluidas a mobilização e concentração, de restabelecer parcial ou totalmente o livre trafico e transito de passageiros.

O exercito francês, ao iniciar-se a guerra, tinha indubitavelmente a inferioridade de contar com um menor numero de quilometros de caminhos de ferro estrategicos do que succedia na Alemanha. Esta desvantagem, foi em parte remediada no deoerrennto da campanha. Os franceses contavam para isso com um poderoso auxiliar no seu excelente corpo de engenheiros de caminhos de ferro, e com respeito á reparação dos estragos nas linhas durante o recuo até Paris, e subsequente avanço, utilizaram os serviços dos ferroviarios britanicos, que foram empregados, não só nestes trabalhos de reparação, mas ainda na construção de novas linhas.

As auctoridades francêsas deram conta do notavel trabalho executado nos primeiros dias de campanha e da extraordinaria precisão com que funcionaram os transportes. O seu primeiro importante serviço, foi levar ao seu destino as tropas

de proteção, «tropas de cobertura» o exercito enviado á fronteira a receber o primeiro choque do inimigo, o qual permitiu que a mobilização geral do exercito se levasse a efeito sem ser perturbada.

Esta foi a obra da primeira direcção, das três em que se dividiu a dos serviços franceses de transportes. A segunda encarregou-se de dotar d'homens, solipedes, munições e material os exercitos em campanha. A terceira, incumbiu-se do transporte de tropas dumas zonas do teatro da guerra para outras em que a sua presença podesse contribuir para o exito de alguma operação militar. O transporte das tropas de proteção começou na tarde de 31 de julho de 1914 e terminou na de 8 de agosto, sem atrazo algum na saída ou chegada dos comboios, e foi feito antes de ser suspenso qualquer dos serviços ordinarios.

Só na rêde de leste necessitaram-se 600 comboios, e o merito deste notavel transporte foi realçado pelo facto que motivou a mobilização geral do exercito, que iniciada no dia 2 de agosto, foi, portanto, parcialmente simultaneo, com o movimento dos primeiros exercitos enviados para a fronteira.

Os transportes para a concentração geral do exercito, começaram em 5 da agosto, terminando o seu periodo mais urgente em 12 do mesmo mês. Nestes 8 dias partiram nada menos de 2:500 comboios, dos quais apenas 20 sofreram insignificantes atrazos, e durante um periodo de 14 dias, saíram cêrca de 4:500 comboios além doutros 250 carregados com material de artilharia para as praças fortes.

Este excelente resultado da organização dos caminhos de ferro franceses é ainda mais apreciavel pelo facto de que, depois de haver começado a mobilização, foi alterado o logar do destino de 4 corpos d'exercito.

No Reino Unido, logo que se declarou a guerra, o Governo, uzando da faculdade que lhe concedia «The Regulation of the Forces Act», apoderou-se dos caminhos de ferro da Gran Bretanha, mas não dos da Irlanda. Para dirigir a sua exploração, encarregou uma comissão executiva, composta dos gerentes principais das diversas empresas. O ministro do Comercio foi indicado para presidente official da dita comissão, mas Sir H. A. Walker, gerente principal da «London and South Western Railway» é que assumiu a presideucia efectiva.

A missão deste comité consistia em explorar todos os caminhos de ferro da ilha, como se constituíssem uma unica empresa, e assim foi comunicado ao publico, dizendo: «As linhas, locomotivas, material circulante e pessoal, serão utilizadas para a melhor applicação e interesse do Estado, nos movimentos de tropas, viveres e material, como se formassem uma unica empresa».

A comissão executiva não era, como muitos julgam, um novo organismo, pois havia existido ha anos como Conselho superior de caminhos de ferro para a guerra. Este Conselho, foi o que planeou o que se havia de executar no caso da Inglaterra vir a envolver-se em uma guerra europeia. Para a importancia deste assunto, foi já chamada a atenção ha anos.

Em 1865, constituiu-se o corpo de engenheiros e empregados de caminhos de ferro. Este corpo organizou-se com o fim de dirigir o trabalho do pessoal e exploração das linhas com o fito na defeza nacional, e para preparar planos na previsão duma campanha.

Quando se criaram as forças territoriais, o corpo de engenheiros e empregados de caminhos de ferro, embora figurasse como organismo de engenheiros do exercito territorial, continuava dependendo do Ministerio da Guerra. O corpo, tal como se constituiu, compunha-se dum certo numero de engenheiros, varios grandes empreiteiros e os directores gerentes das principais empresas; os empreiteiros formavam o «Ramo de trabalho» do corpo. Existia o projecto de que o pessoal deste corpo, sob a direcção das autoridades militares, empreendera a exploração dos caminhos de ferro em caso de guerra, e se confiava em que, bem applicada esta organização e os recursos disponiveis, não se experimentariam difficuldades para concentrar um consideravel numero de tropas em qualquer ponto de costa atacado pelo inimigo.

O espirito que concebeu estes primeiros planos, ideados para repelir uma invasão, existia de ha muito na organização dos caminhos de ferro, e quando estalou a guerra em 1914, os esboçados projectos da época da rainha Vitoria, foram estudados e aperfeiçoados.

Numa conferencia realizada pelo falecido Sir George Findlay, na escola de engenheiros militares, este eminente dire-

ctor de caminhos de ferro, chamou a atenção para a importância da missão que estes teriam em tempo de guerra.

Devia ser opinião geral, que na Gran Bretanha, onde a totalidade dos caminhos de ferro foi devida á iniciativa particular, esta circumstancia os tornava tão diferentes dos do continente, que os projectos aprovados para a sua utilização na guerra na Alemanha, França, Austria e Italia, lhes seriam inapplicaveis. D'aqui nasceu a resolução de conferir ao Estado as faculdades assinaladas nas regras do "Act of 1898", e o estabelecimento do plano, em virtude do qual a comissão executiva, onde figuravam todos os tenentes coroneis do pessoal de caminhos de ferro, assumia a exploração da totalidade das linhas, sob a direcção da autoridade militar, e como se constituíssem uma unica empresa.

Seria mais verdadeiro dizer que os caminhos de ferro durante a guerra, seriam explorados, não pelo Governo, mas para o Governo, toda a vez que a sua administração e pessoal director, continuassem a ser os mesmos que em tempo de paz.

A repartição de transportes do Ministerio da Guerra, ordenava o transporte necessario, e o comité executivo facilitava os comboios.

A unica coisa que o publico observou nos primeiros dias da guerra, foi que as linhas estavam guardadas militarmente — como precaução essencial — e que aumentára o numero de comboios conduzindo tropas. De resto, excetuando um aumento de comboios que circularam sem horario préviamente estabelecido, não houve encomodos para o publico. Agora sim, todo o pessoal de caminhos de ferro, desde os empregados superiores do comité executivo, até aos mais humildes escripturarios e empregados de via e obras, todos trabalham dia e noite, sem descanso.

A declaração de guerra foi como uma tempestade em um dia calmo; no periodo das ferias tinha o trafico de passageiros o seu maximo rendimento, e simultaneamente, com o pedido que se fazia de maior numero de comboios, houve uma redução no pessoal ao encorporarem-se grande numero de reservistas ferroviarios, alem dos que marcharam como voluntarios com os nossos exercitos. O numero de empregados que abandonaram as empresas para se alistarem no exercito ou na marinha, ainda antes de ser publicada a lei de Lord Derby,

foi de uns 100.000, e foi preciso passado algum tempo, e afim de assegurar um rendimento util á exploração, proibir o alistamento do pessoal ferroviario.

Os caminhos de ferro principais, tanto nas empresas das potencias aliadas como nas da Grã Bretanha, montaram numerosas e bem dotadas oficinas, nas quais, durante a paz, se construíam e reparavam as suas locomotivas e material circulante. Seguindo o exemplo dos caminhos de ferro sul africanos durante a guerra anglo-boer, todos os estabelecimentos foram postos á disposição do Governo. Um dos primeiros serviços solicitado aos mesmos foi a construção de comboios ambulancias para as linhas do Continente e da ilha. Em vista da urgencia com que se pedia este material, o sistema adoptado consistiu em transformar veículos do serviço ordinario no que se exigia para estas carruagens hospitalais. Quasi todos estes comboios ambulancias, se construíram em um curto numero de dias, ficando em primeiro lugar, pela rapidez com que trabalharam, as oficinas do London and Nort Western Railway, que proporcionou um comboio ambulancia para a marinha no praso de 30 horas.

Todas as companhias importantes facultaram comboios para o transporte de feridos, em numero proporcional á importancia e capacidade das suas oficinas.

O publico pode observar a boa disposição e construção deste material, para que os feridos fossem tratados o melhor possivel. Um comboio ambulancia modelo, um dos construídos pelo "Great Eastern Railway", possuía um salão com camas para o pessoal encarregado da assistencia, um compartimento armazem, um vagon restaurante, 5 carruagens ambulancias, cada nma para 18 doentes, uma carruagem farmacia com o seu deposito de medicamentos, sala de operações e armazem de roupas, e uma sala com camas para 8 doentes e alojamento para 2 enfermeiros e 2 medicos. Este comboio podia conduzir 98 enfermos, alem dos medicos, enfermeiros e ordenanças.

A carruagem farmacia era dividida por tabiques em deposito de medicamentos, sala de operações, armazem de roupas, e uma porta de cerrar dava acesso á sala de operações. Disposições adequadas asseguram o fornecimento de toda a agua quente necessaria para a esterilisação ou outros destinos.

O aquecimento era por vapor e a iluminação por gazolina, utilizada também para aquecer os alimentos.

Nos caminhos de ferro da Alemanha, França e Rússia, tinham-se tomado medidas preventivas para o transporte dos feridos, no caso em que a guerra exigisse um enorme espaço para esse transporte. O efectuado pela França pode indicar qual foi a organização destes comboios sanitarios. A dificuldade em resolver nos caminhos de ferro franceses, pela patente a circumstancia de que se contava com uma média de 5:000 baixas em 24 horas de combate.

Mr. Watter S. Hiatt, descreveu no *Railway Age Gazette*, a forma como por um certo escalonamento o ferido era transportado para a retaguarda e colocado em comboios que sempre estavam formados para conduzir os feridos para Paris, Orléans, Bordeus e Lyon, desde a costa em Toulon á zona mais afastada do sul, desde Tours ou S.^t Nazaire á foz do Loire. Ao cabo de um ano de guerra, estes comboios haviam transportado proximo de um milhão de homens para a zona dos hospitais.

Uma das fases deste serviço foi a transformação dos toscos vagons fechados de mercadorias em carruagens hospitalares destinadas a salvar vidas humanas. No principio da guerra, quando os caminhos de ferro terminaram a sua primeira e mais urgente missão de levar soldados ás fronteiras, o problema de se occupar dos feridos estava em um estado d'iniciação infantil.

Foi, todavia, reconhecido em breve que o unico hospital em que um ferido de gravidade podia ser bem tratado, era o que estivesse situado longe do calor, do ruido e do movimento dos acampamentos, e que o unico meio de levar o ferido para o dito hospital, era o caminho de ferro.

Nos primeiros dias de campanha era frequente ser preciso muito tempo, como consequencia da escassez de comboios ambulancias, para evacuar os feridos para os hospitais; mas apoz 3 meses de guerra puzeram-se 600 comboios em circulação nas linhas francesas. A principio, os wagons-leitos e wagons-restaurantes, utilizaram-se como hospitais volantes; mas, embora prestassem excelente serviço, o seu peso era grande, exigindo uma excessiva potencia de tração, e d'aqui nasceu a ideia de transformar o wagon fechado de mercadorias em carruagem hospital. A ideia desta rialização, foi do major E. Loise-

leur, chefe da 4.^a repartição de transportes do Ministerio da Guerra.

O wagon de 30 pés, ao modificar-se, dividiu-se em 3 partes: sala de operações, deposito arsenal de material sanitario e uma cosinha. O resultado obtido por estes comboios, salvando a vida de soldados feridos, tem sido notavel.

Um dos relatorios dá conta de que com 350 homens embarcados ao mesmo tempo para Brest, em uma lenta e longa viagem, vinda desde a linha de fogo, atravez da Bretanha, não morreu ninguem. Outro dá conta do que em um transporte para Rouen, de 418 feridos, a 200 deles efectuaram-se curas no comboio. Cita-se outro caso de um comboio de 614 feridos, onde a vida de 5 deles foi salva mediante operações urgentes, e que a muitos outros se lhes curaram as feridas durante a viagem.

O serviço foi melhorado até tal nivel de eficacia, que um soldado ferido no Norte, no Iser, teve alta dentro de 30 horas em um hospital de Paris.

Os serviços prestados pelos comboios hospitalares na Inglaterra e no Continente, foram uma revelação do alcance da sua utilidade na guerra, em uma epoca em que isto se entrevia.

Os caminhos de ferro alemães, deram exemplo da sua abundancia de recursos, proporcionando comboios para permitir aos combatentes procedentes da linha de fogo o ir á retaguarda e disfrutar da comodidade de um banho. Estes comboios são constituídos pela locomotiva, tender, um wagon com agua num deposito, três outros para banhos quentes, e varias outras carruagens para vestiario.

Cada comboio pode proporcionar no dia banhos para 3:000 soldados.

(Traduzido do *Times-History and Encyclopædia of the War*, n.º de dezembro de 1915, por R.).

Documentos para a historia da intervenção de Portugal na guerra europeia ¹

A agressão alemã na colonia de Angola

No cuidado com que procuramos coligir nestas colunas quanto de importante se publica sobre a historia da intervenção do nosso país na guerra europeia, não poderíamos votar ao olvido uma parte do discurso pronunciado no Teatro de S. Carlos, no dia 25 de junho, pelo distinto deputado e medico naval sr. dr. Vasconcelos e Sá, na sessão de homenagem, que lhe foi dedicada, e a que assistiram S. Ex.^a o Presidente da Republica, os srs. Presidente do Ministerio e Ministros do interior, guerra, instrucção e justiça, sub-secretario das colonias, afóra outras pessoas de elevada hierarquia social. Nessa notavel parte do seu discurso contraditou o orador formalmente as alusões injustas desagradaveis e infundamentadas feitas pelo sr. Rosen, antigo representante da Alemanha no nosso país, na sua nota de 9 de março, transcrita a pag. 221 e seguintes da *Revista Militar*. A autoridade pessoal do orador, o facto de haver assistido a alguns dos factos visados, tendo feito como que um inquerito ácerca dos outros no proprio logar das occurncias, dão ao seu testemunho valia tanto menos contestavel quanto que a acusação se fundava em simples alusões, não apoiadas em provas de qualquer especie. Segue a parte aludida do discurso do sr. dr. Vasconcelos e Sá²:

.....
Para terminar é sua obrigação referir em público alguns factos impor-

¹ Continuado de pag. 218 e 318.

² Transcrito do jornal *Republica* n.º 1962, de 26 de junho de 1916.

tantes, que conhece e dos quais guarda as provas, analisando rapidamente a nossa situação com a Alemanha, no justificado odio que lhe devemos.

No distrito de Huila, antes de rebentar a guerra Europeia, apareceram muitos alemães, percorrendo-o. E' facto averiguado, que diziam ao gentio não quizesse pagar-nos impostos, pois em breve tudo aquilo seria da Alemanha.

A celebre missão alemã, que aparentemente era encarregada de estudos para empreendimentos financeiros no sul de Angola por uma sociedade luso-alemã, tinha encargo secreto do seu govêrno. Teve de ser dissolvida pelo Govêrno Português sendo presos alguns dos seus membros.

O valente official de Estado Maior sr. coronel Roçadas, viu-se obrigado antes do ataque a Naulila, a expulsar do distrito de Huila os alemães, que por lá manobravam.

Deu-se um incidente em Naulila, o primeiro, em que morreram officiais e soldados alemães, porque eles incorrectamente, como donos da nossa propria casa, entraram armados pelo nosso territorio e reagiram violentamente contra as determinações, que lhes foram transmitidas pelo alferes Sereno. Este official cumpriu o seu dever. Morreu depois em Naulila, em 18 de dezembro de 1915, quando carregava á frente do seu pelotão, as tropas invasôras do major Frank.

Morreu como um valente soldado que era. Honra á sua memoria. Do combate de Naulila, não quer tratar nas suas minucias. Decerto está descrito por quem de direito o deve fazer, o sr. comandante Roçadas. Não leu ainda sequer o seu relatório.

O que vai apenas apreciar é o desastre de Naulila nas suas consequencias e importancia geral. Assim considerada, a fatalidade de Naulila não pode ser julgada como para aí tanto se tem explorado. Lembremo-nos de que os alemães, depois de um combate de quatro horas, tiveram gravemente ferido na cara o seu comandante, o major Frank. Tiveram dois officiais mortos e dez feridos e muitas baixas nos seus soldados.

Não puderam aproveitar vantagens para a perseguição e ataque ás nossas forças, que retiraram não as hostilizando mais.

Enterrados os mortos, descançaram bem pouco no nosso territorio, pois logo na manhã do dia seguinte ao do combate, tendo visto ao longe nuvens de poeira, para os lados do Calueque, perguntava o official que substituíra Frank no comando, o capitão Treyner, a um dos nossos officiais prisioneiros, ao tenente Andrade, se aquilo seriam forças nossas que voltavam em retorno ofensivo, que evidentemente recebavam. E tanto, que logo retiraram para a Damara em marchas forçadas.

Tambem é preciso que se saiba que o General Botha, quando libertou em Thsumeb os nossos prisioneiros, libertou tambem nada menos do que seiscentos prisioneiros do seu exercito. E o general Botha invadiu a Damaralândia com três colunas bem providas de tudo, com muita artilharia, num total de cêrca de setenta mil homens, cilindrando positivamente o país defendido pelos alemães, e que poucos combates teve, até á rendição de todas as forças alemãs. E' preciso mostrar aos que tudo exageram, que os ingleses, na Africa oriental alemã, quando do primeiro bombardeamento e ataque por eles feito no acto do desembarque em Daras Salam, sofreram ali um desastre bem maior do que o

nosso. Que estes acontecimentos, tem de se olhar em como contingencias banais na guerra.

Actualmente, até os 40:000 soldados da União, com que os ingleses invadiram a colonia alemã da Africa oriental, não desembarcaram em Dar-es-Salam nem em Tanga, prevenindo-se contra as ciladas em que os alemães são peritos, mas sim em Mombaça de onde partiram.

E' bom que tudo isto se saiba, para que a opinião se não falseie avolumando malevolamente actos por certo lamentaveis, e que pediam na ocasião, procedimento mais violento, para quem os praticou, mas que não tiveram, bem olhados em conjunto, a triste importancia que por exaltação ou maldade, se lhes pretendeu dar.

Todos estes factos se passaram na época em que Portugal, não tendo declarado a sua neutralidade, proclamara pelo parlamento a sua honesta fidelidade aos tratados de aliança com a Inglaterra. E' que o nosso pequeno país não sabia chamar «farrapos de papel» aos seus compromissos de honra. Tal moral é a de Alemanha. E, coisa estranha, indicando uma extravagante psicologia. A Alemanha, tão orgulhosa, vibrou bem pouco, em outubro de 1915, quando o pequeno destacamento do alferes Sereno lhe matou alguns officiais e soldados, que armados e arrogantes pelo nosso territorio tinham entrado. E tão pouco vibrou, que não nos declarou então a guerra. Fê-lo, porém, em 1916, quando apenas lhe requisitámos os barcos aqui estagnados, no uso absoluto do nosso direito.

E por cá esteve, em quanto lhe conveio, o seu ministro. E a Alemanha cometeu a baixeza de insultar um pequeno país, na propria nota em que, falseando a verdade com cinismo que assombra, lhe vem declarar a guerra! Mas com o ministro alemão aqui, em 31 de outubro de 1914, deu-se o caso vil do massacre do Cuangar, facto que conhece em todos os seus promenores horrorosos e de que possui as provas colhidas lá mesmo. E' preciso que todos os portugueses saibam enfim o que foi essa memoravel façanha. Vai dizê-lo.

A fortaleza do Cuangar era um pequeno posto sem valor algum strategico. De resto, era construido pelo tipo seguido até agora em Angola, nessas pseudo-fortalezas, recintos acanhados, anti-higiénicos, diminutos na extensão das suas faces. Dizem por lá os entendidos, que se constroem assim com o pretexto de poderem ser defendidos por uma pequena guarnição. Não lhes ocorre que, para os postos em Africa, as melhores armas são as metralhadoras, que bem suprem a falta de grandes contingentes, permitindo construções de um novo tipo, que se impõe regulamentar. A fortaleza do Cuangar, com uma pequena guarnição da 15.^a companhia indígena, não alojava, como de costume, êsses soldados que com suas mulheres habitavam a chamada «Sanzalia», palhotas cobertas de «capim» situadas a mais de cem metros do forte. Era comandante do posto e capitão-mór da região, o tenente Joaquim Ferreira Durão, official valentissimo, cheio de bons serviços em Africa. Este official, por sua desgraça, tinha grande admiração pela Alemanha e cega confiança nos alemães. Pagou bem cara a sua ilusão e lealdade! O forte do Cuangar fica na margem esquerda do rio Cubango. Na margem direita, em frente dele, existia o posto alemão, de ha muito comandado por um 1.^o sargento, que na região dava pelo nome de Hostermen. Havia ali mais três sargentos e alguns soldados indígenas.

Vinham os alemães muito a miude ao nosso posto, e o tal sargento jantou muita vez com o tenente Durão, como os outros jantavam com os nossos sargentos. Estes também não ficavam no forte, mas sim em pequenas edificações longe d'êlo, algumas a quatrocentos metros do forte. O mesmo sucedia aos poucos soldados europeus.

Os alemães tudo conheciam na nossa fortaleza: arrecadações, paiões, etc.; conheciam todo o armamento existente, a situação das duas únicas sentinelas, que havia de noite, uma no baluarte leste e outra na porta das armas, também para leste. Sabiam que a outra porta do forte, voltada para o mato, não era guardada, bem como, que não havia rondas, nem o rio era vigiado.

Viram que as duas fiadas de arame farpado, que cercava o posto para fóra do fosso, estavam no chão, faltando-lhes, muito arame.

Os pretos do territorio alemão costumavam estar até tarde na sanzala dos nossos soldados.

Era absoluta falta de precauções a confiante na lealdade do tenente Durão, que no meio do gentio pacífico, sem guerra com a Alemanha, nunca decerto pôde calcular que encontraria um bando de assassinos nos seus amigos, naqueles soldados alemães. Havia, também, do lado alemão e protegido pelo comandante do seu posto, um negro, sóba que fôra no nosso territorio, chamado Auangua ou Cangime, o qual quando ia ser preso pelas nossas autoridades como ladrão e assassino, fugira para o territorio alemão e lá era muito apreciado. Foi o cúmplice d'êles. Sempre imprevidentes, nessa época exacta, diminuia-se ainda mais a guarnição do Cuangar, pois que na madrugada do massacre, 31 de outubro de 1914, devia partir parte dela para o posto, a distancia de duzentos e cinquenta quilómetros, também situado na margem do Cubango. E assim estava no Cuangar já carregado com armamento e munições, um carro boer com o seu dono, o negociante Nogueira Machado, que acompanharia os soldados, que retiravam comandados pelo tenente Henrique José de Sousa Machado, o qual era a única pessoa que habitava dentro da fortaleza.

Das 3 para as 4 horas da madrugada de 31 de outubro de 1914, os alemães do posto fronteiro com outros chegados na véspera, com os seus soldados indígenas e com o tal negro Auangua, acompanhado de alguns cuangares da margem direita do Cubango e de alguns cuanhamas, atravessaram o rio sem ninguem dos nossos os aperceber. Deixaram na margem direita uma metralhadora, que varreria com os seus tiros o caminho em rampa que da porta das armas do nosso posto, ia até ao rio. Chegados á nossa margem, dividiram-se em grupos, caindo de surpresa, uns, sôbre a «Sanzala» dos indígenas, a que deitaram fogo, assassinando a tiro os soldados que estremunhados, mal acordados de lá saíram, sem armas, porque estas ficavam fechadas na arrecadação do forte, e a chave dessa arrecadação guardava-a um dos sargentos, que habitava a cêrca de quatrocentos metros de distancia. Outros entraram na fortaleza pela porta do mato, mataram as sentinelas indígenas e arvoraram logo a bandeira alemã, que cobriu todas estas infâmias. Encontraram no seu quarto o tenente Machado, passaram-lhe violentamente um laço ao pescoço e arrastado por êle, trouxeram-no de rastos até fora da fortaleza, matando-o á arma branca.

O negociante Nogueira Machado, quando saltava do seu carro empunhando a espingarda, foi fuzilado á queima roupa por alguns alemães, que o

esperavam occultos com o mesmo carro. O mesmo succedeu a uma preta sua companheira. E um seu filho mulato, criança esperta de 9 anos de idade, vendo pai e mãe mortos, teve o gesto de pegar na espingarda de seu pai para a meter á cara. Foi morto a tiro pelo proprio sargento Hosterman, o comandante do posto alemão, então escondido atraz da guarita da sentinela da porta das armas da fortaleza, de aonde atirava pela certa sôbre os que para o forte se dirigiam. E foi dali, que essa féra matou outra criança, um pretito filho de um nosso soldado indigena, que a mãe levava nos braços, a correr em direcção á fortaleza, fugindo espavorida da «sanzala» incendiada e atacada. A bala daquela Mauser alemã atravessou o ante-braço direito dessa mulher e matou-lhe nos braços o seu filho. Vimos a cicatriz desse ferimento. Foi depois feita prisioneira. Foi tratada do ferimento pelo proprio sargento em questão e serviu-lhe de criada, sendo ela propria que, em agosto de 1915, abriu a porta do posto alemão aos ingleses da União, que ali foram prendê-lo.

Resumindo. Foram assassinados vilmente á traição dois officiaes nossos, Durão e Machado, o sargento Almeida Cabral, o negociante Nogueira Machado e mais cinco soldados brancos e catorze soldados indigenas. Outros foram feridos e com o resto da guarnição, alucinados, sem armas, refugiaram-se no mato. A seguir principiou o saque, sendo repartido com o negro Auangua o produto do roubo, cabendo a este armas, munições, fardamento, roupas, algum zinco, dois carros e metade do gado bovino encontrado. E lá conserva ainda este negro na sua «embala», hoje situada em territorio da União Sul Africana, perto do antigo posto alemão, muitos dos objectos roubados. E esteve tambem dominando nos nossos territorios, esse negro miseravel, até á nossa chegada ao Cuangar em 22 de janeiro de 1916. Os alemães, esses ficaram com os viveres, então abundantes no nosso posto, com a forja, ferramenta, etc., e naturalmente com o conteúdo do cofre da capitania, que lá encontramos ainda nos destroços, arrombado.

E a bandeira alemã cobriu todos estes actos de *apaches*.

A seguir, com a peça de 7, que existia no nosso posto, arrazaram os baluartes e parapeitos, lançando os escombros para dentro do fosso, entulhando-o. Depois dividiram-se em duas expedições, seguindo uma ao longo da fronteira da Damaralandia, pela margem do rio, destruindo todos os nossos postos: Bunja, Sambio, Dirico e Mucusso, aprisionando os que não conseguiram escapar-se daquelas ridiculas guarnições, que tão bem atestam uma imprevidencia inconcebivel, compostas de meia duzia de soldados indigenas comandados por um cabo ou soldado europeu!

Outros vieram Cubango acima até Kabanga, roubando gado e mulheres aos nossos «Secúlos» e trazendo na volta alguns dêles amarrados. Segunda vez, em fins de dezembro de 1914 ou principios de janeiro de 1915, voltaram rio acima, chegando até Chioane num percurso de cento e trinta quilometros, dizendo que iam atacar o posto A. Retiraram, porém, rapidamente, ao sabermos por cuangarês, que adiante mandaram de exploradores, que a guarnição desse posto tinham artilharia e estava vigilante. Pobre guarnição essa, tambem, nessa época!

Um dos sargentos do posto alemão, chamado pelo gentio, o sargento «Querêssa» mandou construir na zona litigiosa, junto da casa do negociante alemão «Planadas», que de ha muito ali vivia, uma casa boa, feita com a fer-

ramenta roubada e coberta com o zinco da nossa fortaleza. E lá está essa casa para quem a queira vêr, e é só perguntarem aos «secúlos» da região a quem pertencia e como foi feita. Uma egua do negociante Nogueira Machado, assassinado, foi vendida no nosso território a um cuanhama chamado Ossôna, que vivia em Chioane, pelo tal negociante alemão «Planadas», o qual, ainda pouco tempo antes da nossa chegada ao Cuangar, negociava com o gentio pelo nosso território, fazendo o que lhe apetecia.

Os nossos mortos foram enterrados em comum, mas brancos numa cova e pretos noutra, junto da fortaleza arrazada. Tomaram como prisioneiras muitas mulheres dos soldados da 15.^a companhia indigena, que obrigaram sempre a trabalhar no seu serviço pessoal, tanto os alemães como o negro Auan-gua. Essas mulheres foram libertadas em agosto de 1915, pelos ingleses da União Sul Africana, que ali foram na força de quarenta cavaleiros, comandados por um sargento e com auxiliares «Mucancalas», prendendo apenas dois dos sargentos alemães, porque os outros dois fugiram.

Obrigaram o sargento Hoserman a vir mostrar-lhes a situação das sepulturas dos nossos, e obrigaram-no a cercar as sepulturas com pedras alinhadas.

Assim as encontrámos e mandámos limpar e cobrir de flôres silvestres, e confesso, ali se colocou uma cruz, simbolo daquele martirio. Interrogámos as pretas libertadas pelos ingleses, em agosto de 1915, e que nos aguardavam a nós portugueses, vivendo na zona litigiosa na casa do tai negociante alemão, «Planadas» com a companheira preta deste. Não estava ali esse alemão, quando lá fomos, mas para lá voltou depois de sairmos do Cuangar, em 26 de janeiro de 1916, e actualmente deve ser cidadão da União Sul Africana. O Cuangar ficou de novo ocupado porque lá deixámos, e já foi reforçado, parte do pequeno destacamento que nos acompanhou.

E, agora, bem conhecidos todos estes terriveis acontecimentos, pergunta se pode haver hoje em Portugal quem seja germanofilo.

Este vil massacre do Cuangar foi conhecido em Berlim. Em Winduk havia uma potentissima estação de telegrafia sem fios. Só nós as não temos ainda em Angola, mas creio bem que, quando acabar a guerra, teremos enfim já assegurado, ao menos, com a telegrafia sem fios, aos portugueses que cumprem o seu dever no interior, que com a possibilidade de noticias rapidas, podem deixar de considerar-se como habitantes de outro planeta.

E a Damaralandia comunicava com a Alemanha, e esse assassino vulgar, que comandava o posto alemão, continuou nesse comando desde a data do massacre dos nossos em 31 de outubro de 1914, até fins de agosto de 1915, em que foi preso pelos ingleses.

E nós não estávamos então em guerra com a Alemanha! E' por isto tudo que o orador diz aos seus compatriotas, que não esqueçam nunca aquele velho ditado português que reza assim: «Quem se não sente não é filho de boa gente».

E, para terminar, levanta um viva que por todos será aclamado do intimo da alma:

Viva Portugal!

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Ensinamentos tecnicos da guerra actual. — As principais novidades que até agora a grande guerra tem trazido, cifram-se nas seguintes: emprego da artilharia pesada de campanha, utilizando os dirigiveis para a observação e combate, automoveis blindados, granadas de mão e escudos para infantaria.

A artilharia pesada de campanha, emprega-se indistintamente contra alvos animados ou inanimados, e os alemães colocam-a na vanguarda das colunas de marcha. O seu emprego tornou-se muito eficaz contra as fortalezas, as quais não podem ser consideradas já como pontos de apoio para os exercitos em luta.

O aeroplano é a especie de aparelho que maior rendimento proporciona. Está-se empregando muito para a exploração longinqua, tanto como o dirigivel. Para a exploração a curtas distancias, o tipo de aeroplano ligeiro é o mais adequado.

Estão-se tambem empregando muito para corrigir o tiro de artilharia e, em geral, como meio de comunicação rapida, alternando com os dirigiveis, pombos correios, etc.

Para a luta no ar, e como meio de lançar bombas, empregam-se indistintamente o dirigivel e o aeroplano rapido, com dois ou mais logares. Os deste ultimo tipo tem mais capacidade de carga.

Os alemães lançam a terra pequenos sacos de cal, que lhes servem de referencia para os seus vôos. Entre as armas de arremesso utilizadas, tem-se empregado bastante, contra colunas de tropas, os dardos d'aço. Um unico aeroplano pode transportar até 1:000 destes artefactos, de 15^{cm} de comprimento e meia onça, cada um, de peso.

Em vista das experiencias da guerra, julgam-se necessarios dois dirigiveis e 15 ou 20 aeroplanos nos quartéis generais dos exercitos; 8 a 10 aeroplanos nos corpos de exercito e 5 nos das divisões de infantaria. Nas fortalezas de primeira classe deve haver algum dirigivel e 8 a 10 aeroplanos, e nas de 2.^a e 3.^a classe 8 a 10 aeroplanos.

Para se opôr ás operações aereas do inimigo, haverá necessidade de estações aereas situadas em pontos importantes, guardas aereas para atacar os aparelhos hostís, e processos especiais de iluminar cidades, posições, bivaques e acampamentos.

Para que a artilharia possa ser empregada contra os aeronaves, deve possuir as seguintes condições: disparar com angulos de 80°, fazer a pontaria com rapidez, que a peça seja susceptivel de se carregar em qualquer posição

e que o transporte seja facil. Requer-se, além disso, o emprego de projecteis especiais que podem ser observados em pontos distinctos da trajetoria, por meio de explosões sucessivas e outros artificios.

O uso que vem sendo feito dos automoveis, excede toda a ponderação. As carruagens vão protegidas por escudos d'aço temperado de 3^{mm} de espessura, e tem um sistema especial de redes de sobreceletes para quando tem de cruzar valas e trincheiras.

O emprego que se está fazendo das granadas de mão, significa um retrocesso manifesto para o passado.

Ha-as de duas classes: umas para produzir feridas, e outras para asfixiar ou atordoar o adversario. Estas ultimas tem dado um excelente resultado.

Compõe-se a carga de amonia e nitrato de bario, e apresenta a mesma côr e característica que a cola. As explosões produzem gazes de peroxido de azote, que por si ocasionam a morte, e em mistura com o ar fazem perder os sentidos.

Quanto á tactica, a índole especial da guerra faz com que esta se desenvolva nas trincheiras e que se empreguem os sistemas mais complicados que se conhecem para esta especie de defensas.

Bulgaria

Bala de ponta. — O exercito bulgaro tem utilizado na guerra actual a bala ponteguda que ainda estava em ensaios.

Os medicos militares russos informam que dada a pouca tendencia que este projectil tem em inclinar o seu eixo, os ossos da maior parte dos feridos não aparecem quebrados; além disso as infecções são poucas e pouco importantes, devido a terem pequeno diametro os orificios de penetração. E' assim que os feridos se curam depressa.

Por isso os medicos russos concluem, dizendo que a bala em ponta é conveniente sob o ponto de vista humanitario.

Chile

O seu exercito. — Na Republica do Chile acha-se concentrado em um unico departamento administrativo tudo quanto se relaciona com a defeza; d'aí a existencia do *Ministerio da Guerra e Marinha*, presidindo aos destinos da nação.

Este ministerio administra o exercito atravez dos *Departamentos central e geral de guerra, do pessoal, da administração militar, da justiça e recompensas, da remonta, de saude e da vigararia castrense*, exclusivamente destinado aos negocios eclesiasticos.

Cada um desses *departamentos* se fracciona em tantas *divisões*, e *secções* quantas são necessarias ao funcionamento da engrenagem administrativa.

Os *departamentos* são dirigidos por officiais generais ou coroneis, as *divisões* por officiais superiores e as *secções* por capitães.

Estão directamente subordinadas ao ministro:

a) a inspecção geral do exercito;

b) o estado-maior do exercito;

c) a direcção do material de guerra.

A *Inspecção geral do exercito*, superintende e fiscaliza a instrução, a

administração em geral e a disciplina de todas as unidades de tropas de modo a obter-se ininterruptamente a uniformidade, a coesão e a unidade de doutrina na interpretação dos regulamentos.

O inspector geral, por meio de visitas a todas as guarnições, de assistência aos exercicios de grandes unidades e ás manobras anuais, guia e dirige a instrução, tanto individual, como colectiva, tendo sempre em vista que cada unidade esteja sempre preparada para cumprir a sua missão em dado momento.

Para o cabal desempenho das suas multiplas funções, o inspector geral tem ás suas ordens um certo numero de officiaes que exercem os cargos de inspectores privativos da infantaria, cavalaria, artilharia, engenharia, e trem; de estabelecimentos de ensino militar e de tiro.

Todas as escolas, quer de instrução primaria, quer profissional dos corpos de tropas, estão igualmente sob a jurisdicção do inspector geral, que as fiscaliza directamente ou por delegação.

O *estado-maior do exercito* tem por missão, durante a paz, a preparação de todos os elementos de defeza para que, em tempo de guerra, possam entrar eficazmente em acção. E' um departamento essencialmente tecnico; dele depende o bom ou mau exito de uma campanha, caindo sobre si os louros ou revezes colhidos; daí a enorme responsabilidade que assume perante a nação.

Em seu seio se abriga a elite intelectual do exercito, cuja officialidade procura, por sua vez, elevar nas fileiras o gráo de cultura, difundindo em todas as camadas, os métodos e a doutrina do estado-maior, animando, despertando e estimulando o estudo das coisas militares com criterio, fervor e entusiasmo.

Administrativamente, o departamento do estado-maior reparte-se em *divisões* e *secções*, tais como *divisões: central, de informações, de transportes, de levantamento de carta militar, e de subsidios historicos.*

As academias de guerra e a brigada de tropas de communicacões, inclusivè o regimento ferro-viario e o batalhão de telegrafia, fazem, no tempo de paz, parte integrante dêsse mesmo estado-maior, de modo a evitar embaraços por occasião de mobilização.

A *direcção do material de guerra*, tem a seu cargo tudo o que diz respeito á aquisicção, fabrico, conservacção e substituição de material de guerra; tais como: canhões, espingardas, carabinas, carros, munições, explosivos, equipamentos e viaturas; exerce a sua acção ás fabricas, aos arsenais, depositos de armamento e de polvoras e ás comissões de experiencias, que estudam os assuntos de character tecnico, e ás que se encarregam do recebimento do material adquirido para uso do exercito.

O serviço militar é obrigatorio.

Todo o cidadão chileno está sugeito ao serviço das armas, logo que atinja 20 anos de idade.

Terminando o ano a que é forçado, passa para a *primeira reserva* até aos 45, em que se liberta de todo o encargo militar.

Durante o tempo em que se mantem na *primeira reserva*, é chamado ás manobras anuais por espaço de algumas semanas de modo a não esquecer os ensinamentos adquiridos na fileira.

O país está dividido, em relação ao serviço militar obrigatorio, em *distritos de recrutamento*, a cargo de officiaes reformados.

E' regional, o que torna o alistamento mais facil e suave.

As tropas, propriamente ditas, são constituídas por *quatro divisões* estacionadas nas *zonas militares*, em que o país se divide.

Cada *divisão* compõe-se :

a) do comando, general de divisão e seu estado-maior ;

b) de 2 brigadas de *infantaria* a 2 regimentos cada uma, com 3 batalhões e uma companhia de metralhadoras ;

c) de uma brigada de artilharia de 2 regimentos de campanha de 2 grupos de 2 baterias, e um grupo de artilharia de montanha.

Na 1.^a, 3.^a e 4.^a divisões, um grupo dos regimentos de campanha é dotado de obuzes, na 2.^a divisão, um dos grupos é a cavalo ;

d) uma brigada de cavalaria de 2 regimentos a 4 esquadrões e um esquadrão de metralhadoras ;

e) um batalhão de sapadores a 3 companhias ;

f) um batalhão de trem a 3 companhias.

A instrução militar é ministrada :

a) na Escola Militar frequentada por alunos oriundos dos cursos secundarios civis que, depois de 4 anos de acurado e meticoloso curso, são promovidos a segundos tenentes e distribuidos pelos corpos ;

b) na Escola de cavalaria, destinada a aperfeiçoar os estudos dos oficiais e sargentos que se consagram e se dedicam a essa arma.

O curso tem a duração de um ano.

Anexos á escola, estão os cursos de *ferradores* e *veterinarios*, cujo estagio é de um ano para os primeiros e três para os ultimos.

c) na Escola de tiro essencialmente votada á pratica do tiro, tanto de artilharia, como de infantaria ;

d) na Escola militar de aeronautica, cujo fim é preparar pilotos para a navegação aerea. Frequentada por oficiais e sargentos, os quais apoz certo estagio obtêm o diploma de pilotagem. E' ela dirigida por oficiais chilenos diplomados pelas escolas aeronauticas europeias ;

e) na Escola de sargentos, viveiro de bons oficiais inferiores do exercito ;

f) na Academia militar, viveiro de oficiais que, convenientemente seleccionados por um concurso, vem dedicar-se aos altos estudos militares.

Dirigida outr'ora por oficiais alemães, é actualmente administrada por oficiais chilenos, possuindo o curso de estado-maior.

Apoz a terminação dos estudos, os alunos fazem um estagio no estado-maior, sendo os mais applicados e com melhores notas, aproveitados no preenchimento das vagas ocorridas nas diferentes secções.

A officialidade goza de grande conceito em todo o país, encontrando no meio extraordinariamente culto da sociedade chilena o mais afavel acolhimento.

Em boas condições materiais e não menos invejavel situação moral, o official chileno dedica-se exclusivamentõ ás suas funções militares, afastando-se das lutas politicas em que se dividem e se degladiam os partidos.

Sobem os postos desde 2.^o tenente a coronel na proporção de um *terço por antiguidade e dois terços por escolha*.

O monte-pio militar é comum ao exercito e á armada.

O sargento não pode absolutamente aspirar, em tempo de paz, a ser official.

Essa grave questão do destino do sargento, problema que tanto preocupa a atenção dos governos dos países americanos, parece ter encontrado no Chile uma solução satisfatória, conciliadora dos interesses privados do Estado.

Apoz dez anos ininterruptos de bons serviços prestados sem nota ao exercíto, vai o sargento exercer um cargo na administração civil, compatível com as suas aptidões, cujos vencimentos são sempre maiores do que os que percebia na fileira. Como auxilio á sua primeira instalação na vida civil, recebe uma certa e determinada *ajuda de custo*.

Em geral, as corporações militarizadas da policia, os caminhos de ferro, companhias de navegação e associações dependentes do Estado, reservam cuidadosamente vagas a estes obscuros servidores da patria.

(Do *Boletín del Ministerio de la guerra y marina*).

Estados-Unidos

Projecteis humanitarios. — Está em estudo* um projectil denominado *bala narcotica*, porque dentro dela vai uma substancia cujos efeitos consistem em insensibilizar e adormecer o individuo sobre quem choca, pondo-o assim fóra do combate, e produzindo uma ferida de cura rapida e facil.

França

Curso permanente do Estado maior. — Na zona dos exercitos em operações, organizou-se um curso permanente do Estado maior, o qual é frequentado pelos capitães e tenentes de todas as armas que o desejem, tendo pelo menos 26 anos de idade, com boas notas e tendo servido pelo menos 6 meses na frente de batalha.

O curso dura um mês, e tem por fim preparar os officiaes que o seguem para desempenhar o serviço do Estado maior.

DIVERSOS

Os factores morais e materiais da guerra. — A literatura militar referente á guerra actual parece induzir que uma grande revolução se vai operar na arte de conduzir as tropas aos campos de batalha, devido não só ao alto poder destruidor da nova artilharia de grosso calibre, aos aeroplanos e dirigiveis, á telegrafia sem fios, como aos muitos outros inventos que os tempos que correm vêm desvendando.

Um estudo mais ponderado e judicioso nos mostra um tal ou qual exagero no modo de apreciar e observar os factos que se vão passando.

No intuito de obter-se maior segurança na defensiva, objecta-se, pergunta-se, indaga-se: «Porque se não dispõem de 6 homens por metro corrente, quando a experiencia parece ter demonstrado a insuficiencia de 4, tomado até então como tipo normal?».

Essa questão importa de um lado, a modificação tactica da frente e profundidade das tropas; do outro, afecta aos factores morais e materiais da guerra.

Abordemo-la a traços largos.

Se tomarmos uma linha de batalha de 400 milhas de extensão (740 quilometros), veremos que a diferenca entre 4 e 5 homens por metro corrente,

quando a experiencia atingirá, em numeros redondos, a um milhão e 480 mil homens, efectivo respeitavel para um exercito, cuja organização se baseia no voluntariado, arrastando a uma despesa diaria de 7 milhões de dollars.

Em face dessa aluvião de homens e desse transbordamento de fortuna publica, procura-se uma formula que resolva economicamente o problema.

Só o *serviço militar pessoal e obrigatorio*, no minimo de despesa, lançar o maior numero possivel de soldados no sorvedouro da guerra.

Não resta duvida que a qualidade da tropa se torna a cada passo um factor preponderante nas operações militares.

Em se tratando de defensivas, a deficiencia do treinamento de tropa fatalmente arrasta o acrescimo dos efectivos; na ofensiva, ao contrario, o preparo e o adestramento suprem quasi sempre o numero, isto é, a *qualidade* subjuga a *quantidade*. E só teoricamente se pode estabelecer um paralelo, entre as aptidões de uma e as qualidades militares de outra.

Tropas boas, excelentes, na defensiva e em posições descobertas, reque-rem apenas a proporção de *5 homens por metro corrente*; em posições abrigadas, a de dois e dois decimos; tropas! porém, mal treinadas, mal instruidas, exigem uma proporção de *9 homens por metro corrente*.

Muitas das grandes batalhas, que a historia regista, foram ganhas por tropas que, na defensiva, ofereciam uma densidade de 15 homens por metro corrente.

Actualmente nada indica ou assinala que esse limite possa ser reduzido ou atenuado.

Tanto a historia do passado como a do presente, demonstram á saciedade que uma linha inexpugnavel de entrincheiramentos ou de poderosas fortalezas é sempre de um valor incomparavel, inapreciavel (como succede a Verdun).

Ambos esses elementos são facéis de ser obtidos desde que se possa dispor dos meios materiais e morais para levar a termo o objectivo que se tem em vista.

Um ataque para surtir efeito deve ser vibrado simultaneamente ao longo de uma frente de 50 milhas (92.600 metros) com um efectivo de 1.320.000 homens e uma reserva correspondente á metade dum efectivo, de modo a poder, em tempo util, ir preenchendo os claros abertos.

Uma tal proporção é realmente assombrosa, assustadora.

Para contornar essa dificuldade e reduzir ás suas justas proporções essa percentagem extraordinaria de homens, surgem cinco factores: a especialidade, a competencia, a sagacidade do comando em chefe, discernindo com perfeição e proficiencia qual a frente a ser atacada, qual a profundidade das formações do ataque, quais as perdas provaveis e os resultados a colher.

Das lições hauridas no decurso dessa conflagração, que envolve o velho continente e ameaça tragar o novo, resalta nitido e brilhante o valor dos officiais instruidos, treinados, capazes de dirigir, educar as tropas, adestra-las, condenando todos os engenhos e artificios de guerra, que a industria vai lançando na esteira das batalhas.

Não ha hoje país beligerante que não compreenda a indeclinavel necessidade de enviar para a frente de batalla, logo no inicio das hostilidades, a maior parte das suas melhores tropas, e com elas os seus mais habéis officiais.

É claro, é intuitivo que esse corpo de oficiais não pode facilmente ser substituído nem tão pouco ser improvisado; daí o grande e inestimável valor que actualmente se lhes atribue.

O oficial instruído, treinado, na acepção em que esse termo é empregado na Europa, é um indivíduo que faz da profissão militar um sacerdocio, cuja existência é uma série interminável de estudos uteis, e uma mina inexaurível de sacrificios de toda a ordem.

Esgota-los prematuramente, seria querer construir uma obra de engenharia, uma ponte, um viaduto, por exemplo, sem a direcção de um habil engenheiro; seria entrega-la a obscuros operários, na suposição de que a obra ficaria mais barata sem a presença de um profissional.

(Do *The International Military Digest*).

Condições em que foi iniciada a batalha de Verdun. — A batalha de Charleroi, que remonta ao mês de agosto de 1914, não passou ainda dos porticos da Historia.

Faltam-nos os elementos precisos para traçar fielmente a sua preparação, o seu desenvolvimento e as suas peripecias.

Com mais forte razão nos falecem os meios para desenhar essa gigantesca lucta que ha quasi 4 meses se desenrola na região de Verdun, impressionante pelo aspecto sanguentíssimo que vem assumindo, fazendo convergir para aquella praça forte a que sempre estiveram ligados os destinos da França, a atenção do mundo, que justamente emocionado, espera o desfecho desse grandioso duelo, em que se entrelaçam furiosamente, numa ancia formidável de vencer, dois povos que heroicamente se odeiam.

Um certo numero de factos, entretanto, narrados pela imprensa parisienne, depois de terem passado atravez dos rigores da censura projectam alguma luz sobre a conduta do alto comando francês no inicio do violentissimo choque germanico contra as muralhas dos fortes daquela região, já tantas vezes rasgada pelo heroico e generoso sangue dos melhores filhos daqueles dois países, separados pela intransponivel barreira de inapagaveis resentimentos historicos e opostos interesses economicos.

Destaca-se, como primeiro elemento orientador da ordem do dia do general Pétain, o topico em que ele diz que *soube restabelecer uma situação delicada*; em seguida, a substituição do general Langle de Cary, que comandava o corpo de exercito do centro, de que fazia parte o exercito de Verdun, pelo mesmo general Pétain.

O general de Castelnau, na qualidade de chefe do grande estado-maior, logo que reconheceu a importancia da ofensiva alemã, dirigiu-se á margem do Mosa, onde tomou, em face da situação que se lhe afigurou muito delicada, iniciativas pessoais que permitiram o *restabelecimento francês*.

Em que consistia a delicadeza da situação?

Quais as responsabilidades envolvidas naquella circumstancia para sempre memoravel? Alguns elementos que por pertencerem já ao dominio da historia, nos permitirão levantar uma ponta do véo que as encobre.

Está ainda na memoria de todos aqueles a que não é indiferente o desenrolar do maior e mais sangrento drama que a historia regista, os sucessos

do mês de fevereiro, caracterizados pela serie de offensivas locais efetuados pelos alemães sobre o conjunto da frente francesa, do mar aos Voges, *exceptuado o sector de Verdun*.

Parecia existir nessa indiferença dos alemães pelo sector de Verdun, poupando-o, nas diversas investidas sobre o conjunto da frente franco-inglesa, uma intenção tactica manifesta, destinada a mascarar aos franceses o verdadeiro ponto onde eles deviam partir a fundo para romper as suas linhas e impedir-os de concentrar as suas reservas, a tempo de parar o formidável choque.

E o estratagema deu resultado, por isso que o exercito de Pétain, que o alto comando reservara para fazer frente á gigantesca tentativa germanica, não se achava na região de Verdun e só foi para lá conduzido, quando a batalha durava já varios dias.

Entretanto, alguns eminentes chefes militares, não se haviam iludido sobre a verdadeira intenção do estado-maior alemão.

Algumas semanas antes dessa temerosa tentativa, anunciavam que o grande esforço inimigo ia-se fazer sentir precisamente nas margens do Mosa, onde até então nenhuma acção importante se havia esboçado.

E em apoio desse modo de ver, argumentavam com factos materiais imputaveis, colhidos por informações de confiança sobre os movimentos do inimigo, que não poudé mascarar completamente grandes trabalhos preparatorios que ha muito vinha executando atraz da sua frente naquele sector, assim como concentração de tropas frescas e acumulação formidável da artilharia pesada e munições.

Duas correntes de opinião se formaram no grande estado-maior francês.

Uma, pensava que Verdun seria com efeito o objectivo escolhido pelos alemães, outra, persistia em não encarar essa eventualidade como provável.

A frente francesa, no inicio do violento choque, passava na altura do bosque de *Caures*, e era defendida por tropas na sua maioria territoriais e africanas. O general Herr, que naquela epoca comandava o campo entrincheirado de Verdun e suas avançadas, reclamava reforços, razão porque foi posto á sua disposição o 20.^o corpo, que estava repousando no Campo de Mailly, sem ter sido, porém, essa grande unidade, encaminhada imediatamente para aquele sector.

Foi nessas condições que se produziu o ataque de 21 de fevereiro.

Durante 35 horas não se havia ainda, compreendido a sua gravidade, só avaliada depois que se acentuou o recuo da linha francesa, a qual naquele sector dispoñdo de tres divisões recebeu em cheio o choque de 5 corpos de exercito.

O recuo forçou a rectificação da linha da frente um pouco além de Samogneux, de Beaumont e d'Ornes. A situação estava esclarecida; o estado-maior alemão havia desmascarado as suas grossas baterias e desvendado o seu formidável objectivo. Que fazer? Parecia impossível opor á avalanche germanica, um dique capaz de detel-a, por isso que esse dique não estava preparado e o tempo era por demais exiguo para improvisal-o.

Verdun só podia ser abastecido por uma unica linha ferrea, a que passa por Saint-Menehould; nenhuma outra havia sido construida pelos franceses

depois que os alemães se instalaram no saliente de Saint-Mihiel. Grave contingencia.

Além disso, as aguas do Mosa começavam a crescer. A travessia das pontes, acessíveis aos projecteis de grossa artilharia alemã, tornava-se precaria . . .

Uma decisão, julgada pendente, foi tomada : *a evacuação de toda a margem direita do Mosa.*

A cortina de tropas lutando na primeira linha tinha por missão retardar o mais possivel o avanço do inimigo, afim de permitir o recuo em ordem do resto das tropas francesas e, se possivel, do material sobre a margem esquerda daquele rio.

Essas ordens tinham sido transmitidas e recebido já um começo da execução, em alguns pontos, quando o general Castelnau chegou a Verdun. Viu, julgou e de iniciativa propria, possuindo na qualidade de chefe do grande estado-maior delegação de poderes do generalissimo, decidiu deter o plano concertado e fazer frente ao inimigo, custasse o que custasse, no planalto de Douaumont. A tarefa oferecia imensas dificuldades ; coube ao general Pétain, a honra de executá-la.

O primeiro facto que influiu de um modo decisivo no curso ulterior dos acontecimentos, foi a utilização dos auto-camions para o transporte de tropas e munições.

Foram requisitados aos diversos exercitos visinhos 4.700 camions que, dia e noite, sem interrupção, estabeleceram entre Bar-le-Duc e Verdun o sistema *poulié sans fin.*

Graças a esses camions, poudo o 20.º corpo, transportado de Mailly a Bar-le-Duc em caminho de ferro, ser encaminhado em 12 horas desta localidade ao planalto de Douaumont. Embarcado a 24 de fevereiro, ás 19 horas, participava da acção no dia seguinte de manhã ás 10 horas.

Os mesmos camions asseguravam nos dias seguintes o transporte de todo o exercito Pétain, e nesses 4 longos meses de batalha, cuja violencia assume proporções até então nunca vistas, conduzem constantemente viveres, munições, tropas frescas e de regresso, evacuum os feridos, estropiados e as unidades que necessitam repousar.

Tais são alguns factos que permitam apreciar em que condições se iniciou a batalha mais sangrenta de todos os tempos.

(Do *Boletim mensal do Estado-maior do exercito do Brasil.*)

BIBLIOGRAFIA

I — LIVROS

França

- 1 *Aide-Mémoire du mitrailleur d'infanterie et de cavalerie.* (Mitrailleuse Saint Étienne. Mitrailleuse Hotchkiss Mitrailleuse Colt. Mitrailleuse Vickers. Mitrailleuses Vickers Maxim. Mitrailleuses Maxim allemande). In 16, 63 p Berger-Levrault 1916. Paris
- 2 CHAPUIS (commandant F.) *Instruction théorique du soldat par lui-même pour la période de guerre* : 26^e édition pour les appelés, les engagés et les rappelés. Janvier 1916. In-12. 120 p. avec fig. Berger Levrault. Paris.
Education morale et instruction militaire réglementaire.
- 3 *Allemagne (l') et la Guerre de 1914 1915, d'après les travaux publiés par le comité des études et documents sur la guerre sous la présidence de Ernest Lavisse.* In-16, 119 p. 1915. Armand Colin, 103, boulevard Saint Michel. Paris.
- 4 CESTRE (C.) professeur à la Faculté des lettres de Bordeaux. *L'Angleterre et la Guerre.* In 16, 352 p. Henri Didier, édit., 4 et 6, rue de la Sorbonne. Paris. 1915. Fr. 3,50
- 5 DALLOZ — *Guerre de 1914. Documents officiels. Textes législatifs et réglementaires.* Septième volume. — 15 octobre-15 novembre 1915. Publié sous la direction de MM. Gaston Griolet, docteur en droit ; Charles Vergé, maître des requêtes honoraires, avec la collaboration de M. Henry Bourdeaux, juge d'instruction au tribunal de la Seine. Petit in-16, 249 p. Dalloz 11 rue Soufflot. 1915. Paris. Fr. 2
- 6 Atlas (l') *Index de tous les théâtres de la guerre III : Italie du Nord, Tyrol, Adriatique, Balkans, Turquie, Caucase.* 8 cartes d'ensemble au 1:3700000, en trois couleurs 32 cartes de détail au 1:250000, en 3 couleurs, 2 lexiques alphabétiques des 10.470 noms contenus dans le présent fascicule. (Pages d'histoire 1914-1915, 4^e série, e) 3 fr. Nancy. Paris, imp. et libr., Berger Levrault.
- 7 *Carte du théâtre occidental de la guerre européenne,* par le professeur B. Barrecchia, la plus claire et la plus détaillée des cartes en une feuille, pour suivre les opérations franco-anglo belges-allemandes. Echelle 1:500000. Edition 1916 2 fr. Paris, Impr. de la Société éditrice géographique
- 8 *Cartes Larrousse.* Atlas de la guerre. N.º 11. Six planches LXI : Grèce. LXII : Vistula, Bug, Duister. LXIII : Serbie (Nord et Centre). LXIV : Serbie (Sud-Est). LXV : Partages de la Pologne. LXVI : Drapeaux (A). 75 cent. Paris, Impr. et lib. Larousse, 13 et 17, rue Montparnasse.

Inglaterra

- 1 AITKEN (Sir Max) *Canada in Flanders.* With a Preface by The Right Hon. A. Bonar Law, and an Introduction by The Right Hon. Sir Robert Borden. With maps and appendices. Cr. 8vo, pp. 268. Hodder & S. net 1/

- 2 ANDERSON (C. C.) *The War Manual*. Vol. 2 Royal 8vo. *Unwin* net 5/
- 3 *Artillery Map Reading and Elementary Gunnery Made Easy*. By «Gublay» and «Contour». Cr. 8vo, pp. 98. *Gale & Polden* net 3/6
- 4 *Battalion. In Attack (The)* By «Tactician». 18mo, pp. 56. *Forster Groom* net 1/
- 5 *Brief History of the King's Royal Rifle Corps* (A) Colonel-in Chief: His Majesty The King. 8vo, pp. 58. *Warren & Son* (Winchester) net 1/6
- 6 BUCHAN (Wm.) *The Log of H.M.S. «Bristol»*. Commission 13th May, 1914, till December 17th, 1915, in Mexican Waters, 4th Cruiser Squadron, and Detached. Cr. 8vo, pp. 164. *Westminster Press* net 4/
- 7 CARNBEC (Rev. G. T.) *War Memories and Sketches*. Cr. 8vo, pp. 182. *Gardner* (Paisley) net 1/3
- 8 COOKE (Fredk. G.) *Scouting by Night*. Being a sequel to «The Value of Observation in War.» Fully Illustrated. 18mo, swd., pp. 64. *Gale & Polden*. net 1/
- 9 COOKE (F. G.) *Value of Observation in War*. 12mo, pp. 45. *Gale & Polden* net 1/
- 10 *Crests of our Imperial Forces*. Royal 8vo. *Gale & Polden* net 1/
- 11 EYDOUX DEMIANS (M.) *In a French Hospital: Notes of a Nurse*. Translated by Betty Yeomans. Cr. 8vo, pp. 80. *T. F. Unwin* net 2/6
- 12 FOLEY (F. W.) *Trench Reliefs and Duties*. Cr. 8vo, swd, pp. 16. *Practical Press* 6d
- 13 FRIEND (B. J.) *Aids to Musketry for Officers and N.C.O.'s*. 18mo, swd., pp. 40. *Harrison & Sons*. net 6d
- 14 GIBSON (J.) (Rewritten and Revised by) *The Boy Scout's Knot Book*. Cr. 8vo, swd., pp. 76. *J. Brown*. net 6d
- 15 *Instruction on the Lewis Automatic Machine Gun*. By Simplex, 18mo, pp. 156. *Forster Groom* net 2/

II — PERIODICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club militar naval*, n.º 5 de maio de 1916. Ensaio sobre uma teoria geral dos integradores. Estudo tactico do navio. Os acontecimentos da actual conflagração.
- 2 *Boletim de administração militar*, n.º 6 de junho de 1916. Alimentação das tropas. Serviços administrativos em campanha; revisão de regulamentos. As subsistencias no exercito anglo-luso durante a guerra peninsular em Talavera, 1809. Alterações ao Regulamento de mobilização. Serviços de administração militar em Angola. Africa oriental alemã. Administração militar nas colonias.
- 3 *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.ºs 11 e 12 de novembro e dezembro de 1915 e n.ºs 1 a 3 de janeiro a março de 1916. Navegação luso americana. Ideas, factos e homens Afonso d'Albuquerque. Subsídios para a historia de cartografia portuguesa nos seculos xvi, xvii e xviii. Morte de sir Clement Marpham. Crónica.
- 4 *O Instituto*, n.º 6 de junho de 1916. Conferencias. Antigas posturas da Camara de Vila da Horta da Ilha do Faial. Characteristics of Portuguese literature. Historia da instituição da Santa Ordem da Cavalaria e das ordens militares em Portugal. O Fausto de Goethe. Memorias arqueologic-historicas do districto de Bragança.
- 5 *Revista aeronautica*, n.ºs 4 de outubro a dezembro de 1915. Antonio Augusto de Figueiredo. Observação aerea. Escola aeronautica militar. O aeroplano de caça «Fokker». Regulamento da Escola de aeronautica militar. Aeronautica em Portugal: Creação d'uma comissão de propaganda. Aero-Club de Portugal.

- 6 *Revista de medicina veterinaria*, n.ºs 171 e 172 de maio e junho de 1916. Professor Joaquim Ignacio Ribeiro. Discurso do prof. José Antunes Pinto. Discurso do prof. J. V. Paula Nogueira. Discurso do alumno-quartanista Alvaro Rodrigues da Silva. Carta do prof. Luiz Rebelo da Silva, agronomo, ao prof. José Antunes Pinto. Prof. Joaquim Ignacio Ribeiro (do jornal «Medicina Contemporanea»). Prof. Joaquim Ignacio Ribeiro (do jornal «A Gazeta da Madeira»). O ensino medico-veterinario. A distomatose hepatica e o extracto etico de feto macho. Influencia da cevada junta á ração de luserna na alimentação das vacas leiteiras. Estudos sobre a hereditariedade da raiva. Formação de albumina no corpo dos animaes, á custa de materias azotadas não albuminosas. Gado madeirense alvação. A raça bovina alvação. Os medicos-veterinarios portuguezes e a mobilisação do exercito. O mormo em Portugal. A classificação dos garanhões.
- 7 *Revista dos sargentos portugueses*, n.ºs 11 e 12 de 15 e 30 de junho de 1916. Grandes de Portugal: Luis de Camões. Pensões de sangue. O Legionario — No jornal. Preparação do soldado para a guerra. Vencimentos dos reformados na Armada. Patrocinio Ribeiro. Expedicionario «manqué». Coisas de marinha. Escriturarios dos caminhos de ferro do Estado. Auxilio extraordinario. Os quadros dos sargentos. «A Quinzena Politica». Dois documentos. Os quadros dos sargentos. Madalena tu fosses. O trabalho da Imprensa. Coisas de marinha. Solução dos problemas tacticos. Artifices do exercito. Serviços de administração militar. As psicoses da guerra.

Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.º 6 de junho de 1916. O novo complemento do R. T. A. Em torno da stereoantogrammetria. Organizações sanitarias. Historia das fortificações do Brazil. Cryptotechnia. Piratarías dos litoraes brazileiros durante o reinado de Felipe II. Noticiario.

Chile

- 1 *Revista de marina*, n.º 353 de maio e junho de 1916. Aceite combustible. Utilidad de las observaciones hechas en las proximidades del zenit. Adaptabilidad de la propulsion electrica a los acorazados. Algunas lecciones de la actual guerra en el mar. Propulsion electrica del acorazado «California». Aeronautica.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado Mayor del ejercito de Colombia*, abril de 1916. Jura de bandera. Companhia de ametralladoras. La importancia del estudio científico de la Historia militar. Mando de tropas. Reflexiones sobre el servicio de aprovisionamiento y transporte del ejercito en campaña. Escuela de suboficiales. La guerra en las grandes alturas. Servicio militar obligatorio. Guerra de montaña. La ciencia y la guerra. La instrucción civil en algunos ejercitos. La caballeria de las potencias beligerantes en la guerra europea. El sistema de fortificaciones. La aviación militar en Alemania.

Cuba

- 1 *Boletim del exercito*, n.º de junho de 1916. El testamento militar. El por que del Nombre de los Regimientos. Republica oriental del Uruguay: Reforma militar. En pró del exercito. La rampa T. W. Heneduria experimental. Noticias oficiales.

Espanha

- 1 *La guerra en preparación*, n.ºs 1 e 3 de maio e julho de 1916. El servicio obligatorio restringido en Inglaterra. La ofensiva francesa en la Champagne. Los servicios sanitarios del exercito inglés en la gran guerra. Aparato y procedimiento empleado en el exercito frances para arrojar bombas desde los aeroplanos. El municionamiento de la artilleria moderna. La organización del alto mando del exercito en campaña de Austria Hungria. Nuevo sistema de señales en el campo de batalla. Metales de guerra. Liquidos inflamables. Cohetes fumigenos. El ataque bajo el fuego de la artilleria. Caretas para centinelas y tiradores. Dirigibles — ultimos tipos de zepelines. Algunas consideraciones sobre la artilleria pesada. Consumo de municiones de artilleria. El proyecto de rebaja de edades, en Francia. Los combates en los Carpatos durante el invierno de 1914 a 1915. Organización y funcionamiento de los servicios de retaguardia del exercito de operaciones francés. Disposición, en las trincheras, del servicio de sanidad, escalones de auxilio y evacuación. Batallas de Lorena y Nancy. Los ultimos aeroplanos. Armamento de los aeroplanos. Adaptación de los ferrocarriles franceses a las necesidades del exercito inglés en el frente accidental. Ejercicios de combate para caballeria. Herraaje experimental Nueva ley de assensos en el exercito argentino. Flechas para aeroplanos. Detalles de la instrucción en el exercito francés. El alto mando en Alemania. Constitución de los cuarteles generales de brigada, division y cuerpo de exercito, en paz y en guerra en los principales ejercitos. Racionamiento en campaña del exercito de los Estados Unidos. Ametralladoras. Instrucción de proyectores en el exercito francés. Las tropas sanitarias en los ejercitos balkanicos. El sitio de T-ing-Tao. Notas sobre el asalto a las trincheras. Guantes para aviadores, calentados eléctricamente.
- 2 *Memorial de artilleria*, n.º de julho de 1916. La construcción del material de guerra en España. Regla auxiliar para el tiro de las baterias de campaña Blancos de mar y de campaña modelo «Amililia».
- 3 *Revista de caballeria*, n.º de junho de 1916. El arma de caballeria. Al terminar nuestras tareas. Las condiciones de la guerra moderna. La geologia de las «Viajes de reconocimientos» por la caballeria. El empleo de la caballeria en la guerra europea. Como corresponsal al frente. Crónica de las acciones de la caballeria en la guerra de las naciones. Proyecto de ley organica militar.
- 4 *Revista tecnica de infanteria y caballeria*, n.ºs de 1 e 15 de junho de 1916. La Academia de infanteria es la más antigua del mundo. El coronel D. Enrique Marco Balaguer. Juis Bermudez de Castro. Defensa de la ciudad de Puerto Rico en 1797. Estudios sobre infanteria. Obras históricas. Estudio geografico, militar y naval de España. Virtudes militares. Ofensiva.

Estados Unidos

- 1 *International Military Digest*, vol. 2, n.ºs 6 e 7 (junho e julho de 1916)-

Italia

- 1 *Rivista di cavalleria*, n.º de 15 de junho de 1916. Forza numerica degli ufficiali dell'Arma de Cavalleria. Da un mese all'altro. Cronistoria della cavalleria nella guerra della nazioni. Un gentiluomo Vicentino e la origini della Cavalleria Sabarida del secolo XVI. La sorpresa di questa guerra. In memoria del capitano N. U. Alberto Leitenitz.

Mexico

- 1 *Boletim de ingenieros*, n.º 8 de maio de 1916. Exposicion presentada en una sesion de la junta legislativa de escuelas militares. El estereogrametro del capitán E. Deville. Estudio sobre la organizacion de las tropas de ingenieros. Diversos: 5 de mayo de 1862 Alemania y la guerra. Algo mas sobre imaginación.
- 2 *Revista del ejercito y marina*, n.ºs 7 e 8 de junho de 1916. 5 de mayo de 1862. General Salvador Alvarado. Caída del segundo Imperio, 15 de mayo de 1767. Un paso adelante. Proyecto para la organizacion de la Infanteria del ejercito constitucionalista Derecho militar. Academia de Estado mayor. Estados mayores. Segunda conferencia civica dedicada al glorioso ejercito constitucionalista. Por que creo util la vanación. Acuerdos y disposiciones.

Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.º 6 de junho de 1916. Lord Kitchener og vernefligten tn i England. Krigen XIII Frivillige korpen i Danmark. Metalmikroskopi og undersekelse av krudtgasutbrøending i mitraljose og geværlop. Esfaringer angaaende sanitetsjenesten i falt. General de Lacroix om skyttergrovskrigen.

Peru

- 1 *Boletim del Ministerio de guerra y marina*, n.º de abril de 1916. Conferencias dadas en la Academia de Estado Mayor (1.ª de Administración) 1.ª de fortificacion ligera, 6.ª e 7.ª de caballeria, 9.ª de infanteria). La batalla del Marne. Nuestro batismo de fuego. Un año de guerra submarina.

Suissa

- 1 *Revue militaire suisse*. n.ºs 6 e 7 de junho e julho de 1916. Prophylaxie des maladies nerveuses et mentales dans l'armée. L'armée belge en campagne. La psychologie du drill. Le programme de tir pour écoles de l'infanterie du 3 avril 1916. De l'utilisation de la tente individuelle dans l'improvisation des brancards d'urgence. Les trois phases du combat d'approche dans la guerre de position.